

119



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 10

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Homem Humor (Idéia) 3 (R) – R\$ 6,00 * **Coleção Comix** (Escala) 5, 6 (B) – R\$ 3,00 c/ * **Mad** (Record) 152 (B) – R\$ 5,00 * **Mad** (Mythos) 1 (R), 43 (B), 38 (B) – R\$ 4,00 c/ * **Curso Prático de Mangá** (Escala) (B) 2, 10 – R\$ 3,00 c/ * **Curso Completo de Desenho – Colonnese** (Escala) 3 (B) – R\$ 3,00 * **Curso Completo de Desenho – Mangá** (Escala) 3 (B) – R\$ 3,00 * **Maluquinhas** (Escala) 85 (B) – R\$ 3,00 * **Aventurama** (Graúna/Hércules) 13 (R) – R\$ 5,00 * **Os Livros de Magia** (Opera Graphica) 1, 2, 3, 4 (MB) – R\$ 5,00 c/ * **Speed Racer** (Escala) (R) 1, 2 – R\$ 4,00 c/ * **Spawn** (Pixel) 158 (MB) – R\$ 5,00 * **Homem Aranha** (Panini) (R) 39 – R\$ 4,00 * **Homem Aranha Millennium** (Panini) 49 (MB) – R\$ 5,00 * **Adam Strange** (Panini) 3 (MB) – R\$ 5,00 * **Superman – Identidade Secreta** (Panini) 1 (MB) – R\$ 5,00 * **X-Men Extra** (Panini) 67 (MB) – R\$ 5,00 * **Os Melhores do Mundo** (Panini) 2 (R) – R\$ 4,00 * **Smallville** (Panini) 10 (MB) – R\$ 5,00 * **Grandes Astros Superman** (Panini) 6 (MB) – R\$ 3,00 * **X-Men – O Fim – Livro 3** (Panini) 3 (MB) – R\$ 3,00 * **30 Anos de Velta** (Opera Graphica) (MB) – R\$ 10,00 * **Fradim** (Codecri) 5 (R) – R\$ 5,00 * **Menino Maluquinho** (Globo) (R) 8, 16 – R\$ 4,00 c/ * **Julietta** (Globo) 9 (MB) – R\$ 3,00 * **História da Bahia em Quadrinhos** (B) – R\$ 5,00 * **Universo DC** (Devir) (MB) 1, 4, 5 – R\$ 5,00 c/ * **Turma do Fom-Fom** (Lailson) – 3 n°s – R\$ 3,00 c/ * **Defensores da Pátria** (MB) 1 – R\$ 3,00 * **WildCats – Círculo Vicioso** (Pixel) 2 (MB) – R\$ 4,00 * **As Melhores Piadas Disney** (Abril) (R) 3, 14 – R\$ 5,00 c/ * **As Melhores Piadas Mauricio** (Abril) (R) 5, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18 – R\$ 5,00 c/ * **As Grandes Piadas Mauricio** (Globo) (R) 2, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20 – R\$ 5,00 c/ * **Emmanuelle** (Pixel) (MB) – R\$ 20,00 * **Sem Sahida** (R) – R\$ 5,00 * **Caim** (Mythos) (MB) – R\$ 10,00 * **The Dreamwalker** (B) – R\$ 10,00 * **História da Igreja em Quadrinhos** (Paulinas) (R) – R\$ 15,00 * **Oh Linda Imagem de Mulher** (Brasiliense) (B) – R\$ 10,00 * **Calvin e Haroldo – Tem Alguma Coisa Babando Embaixo da Cama** (Conrad) (MB) – R\$ 15,00 * **Mad Especial** (Record) (B) 14 – R\$ 5,00 * **Mestres do Terror** (D-Arte) (B) 55 – R\$ 5,00 * **Clássicos Disney** (Abril/1983) (R) 7, 11 – R\$ 5,00 c/ * **Clássicos Disney** (Abril/1981) (R) 2, 6 – R\$ 5,00 c/ * **Clássicos Disney** (Abril/1979) (R) 9 – R\$ 5,00 * **Recreio Tirinhas** (Abril) (MB) – R\$ 5,00 * **Pato Donald de Ouro** (Abril) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Os Melhores do Mundo** (Abril) (R) 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20 – R\$ 4,00 c/ * **Marvel 97** (Abril) (B) 1, 2, 3, 4, 5 – R\$ 6,00 c/ * **Armageddon 2001** (Abril) (R) 1, 4, 5, 6, 8 – R\$ 4,00 c/.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

N° 119 JANEIRO/FEVEREIRO DE 2013

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Novo ano, nova etapa na publicação do “QI”. Sem maiores mudanças, a não ser uma ou outra novidade que der tempo de inventar.

Nesta edição, há duas. Aproveitei o mês de férias para produzir umas atrações extras, que vão encartadas, o quadro ‘A Batalha’ e o suplemento de análise intitulado ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’. Estes são encartes esporádicos, ao contrário do ‘cotidiano alterado’, que terá continuidade até a vigésima folha.

Seções de cartas e de divulgação de edições independentes mais magras, como era de se esperar, compensadas por uma maior quantidade de textos, incluindo as seções mais ou menos fixas.

Na página 16, a divulgação do 29° Angelo Agostini. Infelizmente, o leitor só estará recebendo este “QI” depois de ocorrido o evento. Fica, no entanto, o registro.

Estou lançando um novo livro, vejam os detalhes na página 22.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contêm os encartes ‘cotidiano alterado’ 6 e 7 e ‘A Batalha’.

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

A Nova Sampa Diretriz Editora publicou uma enorme quantidade de títulos de quadrinhos, principalmente no gênero erótico, colocando no início seu logotipo na capa. Depois usou outras denominações na capa como Big Bun ou simplesmente Sampa. Além disso, em algum momento, o Diretor da Nova Sampa, Carlos Cazzamata, associou-se com os da editora Press, Paulo Paiva e Franco de Rosa, que também publicava com o nome Maciota... Como já se pode prever, a confusão é bastante grande quando se trata da publicação de revistas pela editora Nova Sampa e editoras relacionadas.

Vou mencionar o que, de acordo com minha memória, foram as primeiras publicações da Nova Sampa. Não tenho certeza das datas, mas como os preços já estão em Cruzados, então as revistas são posteriores a fevereiro de 1986. Vou seguir mais ou menos uma ordem baseada nos preços de capa e nos anúncios de outros títulos nas contracapas.

Pavor e Fantasias Eróticas – s/nº (68 pág., Cz\$ 15,00), traz na primeira página os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Ataíde Braz & R. Kussumoto’ e o nome de Ataíde como editor; não anuncia outras edições e traz o expediente com letra de máquina, talvez seja a primeira publicação da Nova Sampa; anuncia no texto de abertura outro título, ‘Confissão Erótica’; – s/nº (68 pág., Cz\$ 15,00), também traz os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Ataíde Braz e R. Kussumoto’; anuncia na contracapa os nºs 1 de ‘Série Erótica’, ‘Pavor e Fantasias Eróticas’, ‘Drácula’ e os dois primeiros números de ‘Impacto’; – nº 3 (68 pág., Cz\$ 15,00), no início da revista os dizeres ‘Obras Completas de Mozart Couto’; anuncia os dois primeiros números dos títulos mencionados; – nº 4 (68 pág., Cz\$ 15,00), no início os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Seto’; não traz anúncio de outros títulos; – nº 5 (68 pág., Cz\$ 19,50), anuncia na contracapa os quatro primeiros números de ‘Série Erótica’, ‘Pavor e Fantasias Eróticas’, ‘Drácula’, os nºs 1 de ‘Sussurro Sinistro’, ‘Êxtase em Quadrinhos’ e ‘Aventuras Sexuais’, e os dois primeiros números de ‘Impacto’, porém com o nome mudado para ‘Série Terror e Thriller’; – nº 6 (68 pág., Cz\$ 45,00), esta edição trouxe o miolo do nº 3 de ‘Êxtase em Quadrinhos’; a primeira página traz os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Shimamoto’, mas não traz nenhuma HQ dele; – nº 7 (68 pág., Cz\$ 110,00), não traz expediente, anúncios, nem ao menos o nome da editora na capa; – nº 7 (68 pág., Cz\$ 150,00), outro nº 7, com o nome da Nova Sampa na capa e no expediente, mas com o título simplesmente ‘Pavor e Fantasias’; – nº 8 (68 pág., NCz\$ 0,80), outra edição sem qualquer indicação, a não ser a etiqueta com o novo preço em ‘cruzado novo’ colado na capa, o que indica que saiu por volta de janeiro de 1989; – Edição Especial (36 pág., NCz\$ 30,00), sem nenhuma indicação da editora e com o logotipo mudado.

Série Erótica – s/nº (68 pág., Cz\$ 13,00), traz na primeira página os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Ataíde Braz & R. Kussumoto’ e também traz o texto de abertura e o expediente escritos com letra de máquina, o que indica lançamento na mesma época da primeira edição de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; embora a capa traga o título ‘Série Erótica’, o texto inicial e o expediente referem-se à edição como ‘Confissão Erótica’, como anunciado no primeiro ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; traz anúncio do nº 1 de ‘Drácula’; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 13,00), no início os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Ataíde Braz e R. Kussumoto’; anuncia as mesmas edições do segundo número de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; – nº 3 (68 pág., Cz\$ 13,00), no início os dizeres ‘Obras Completas de Mozart Couto’; anuncia as mesmas edições do nº 3 de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; – nº 4 (68 pág., Cz\$ 13,00), no final os dizeres ‘Coleção Obras Completas de R. Kussumoto’; anuncia os quatro primeiros números de ‘Série Erótica’, ‘Pavor e Fantasias Eróticas’, ‘Drácula’ e os dois números de ‘Impacto’; – nº 5 (68 pág., Cz\$ 17,00), anuncia praticamente as mesmas edições do nº 5 de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; – nº 6 (68 pág., Cz\$ 45,00), traz uma HQ aparentemente japonesa; anuncia os cinco primeiros números de ‘Série Erótica’, ‘Pavor e Fantasias Eróticas’, ‘Drácula’ (sendo que consta como esgotado o primeiro), as duas primeiras edições de ‘Aventuras Sexuais’, ‘Sussurro Sinistro’, não menciona o título ‘Êxtase em Quadrinhos’ e indica os dois números de ‘Impacto’ como esgotados; – nº 7 (68 pág., Cz\$ 90,00), não anuncia os outros títulos; – nº 8 (68 pág., Cz\$ 90,00), não anuncia os outros títulos; – nº 9 (68 pág., Cz\$ 160,00), não anuncia os outros títulos; – Especial nº 1 (100 pág., Cz\$ 45,00), lançada junto com o nº 6, do qual traz um anúncio e também do nº 3 de ‘Aventuras Sexuais’; – Especial (68 pág., lomb. quadrada, NCz\$ 1,20), anuncia ‘Clássicos dos Quadrinhos’ especial; – Especial nº 2 (68 pág., lomb. quadrada, NCz\$ 1,80), não anuncia nenhum outro título.

Drácula – nº 1 (68 pág., Cz\$ 13,00), na capa indica ‘Impacto apresenta’ e no expediente consta nº 1 de ‘Sussurros Sinistros’; o expediente em letra de máquina indica seu lançamento junto com os nºs 1 de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’ e ‘Série Erótica’; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 13,00), na capa indica ‘Sussurro Sinistro apresenta’ e o nome da revista já é ‘Drácula – A Sombra da Noite’; anuncia as mesmas edições do segundo número de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; – nº 3 (68 pág., Cz\$ 13,00), não anuncia os outros títulos; – nº 4 (68 pág., Cz\$ 13,00), anuncia os três primeiros números de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’, ‘Série Erótica’, ‘Drácula’ e os dois números de ‘Impacto’; – nº 5 (68 pág., Cz\$ 16,00), anuncia praticamente os mesmos títulos do nº 5 de ‘Pavor e Fantasias Eróticas’; – Especial nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), anuncia ‘Mistérios das Trevas’. Os dois primeiros números foram reeditados com novas capas e posteriormente houve um encadernado com a série toda.

Sussurro Sinistro – nº 1 (52 pág., Cz\$ 11,00), anuncia os nºs 1 de “Série Erótica”, “Pavor e Fantasias Eróticas”, “Drácula” e os dois primeiros números de “Impacto”; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 16,00), anuncia já os nºs 4 de “Drácula”, “Pavor e Fantasias Eróticas”, “Série Erótica” e outros títulos como “Êxtase em Quadrinhos” e “Aventuras Sexuais”, além dos dois primeiros números de “Impacto”, o que indica que este segundo número demorou a sair.

Aventuras Sexuais – nº 1 (68 pág., Cz\$ 13,00), no início os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Seto’; anuncia os quatro primeiros números de “Pavor e Fantasias Eróticas”, “Série Erótica”, “Drácula”, e os dois números de “Impacto”; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 17,00), no início os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Seto’, anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas”; – nº 3 (68 pág., Cz\$ 45,00), anuncia praticamente os mesmos títulos do nº 6 de “Série Erótica”, incluindo os dois primeiros números de “Êxtase em Quadrinhos”; – Especial (36 pág.), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas”.

Êxtase em Quadrinhos – nº 1 (não tenho); – nº 2 (68 pág., Cz\$ 17,00), no início os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Seto’; traz os mesmos anúncios do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas”; – nº 3 (68 pág., Cz\$ 45,00), trouxe o miolo do nº 6 de “Pavor e Fantasias Eróticas”; anuncia os mesmos títulos do nº 6 de “Série Erótica”.

Mistérios das Trevas – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas”; pertence a uma nova leva de títulos de curta duração, lançados quase simultaneamente, o que se vê pelo preço.

Sexo Maior – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), traz os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Seto’, mas não traz HQs dele; anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas” e também os nºs 1 de “Arte Erótica” e “Magazine Erótico”.

Histórias Íntimas – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), traz os dizeres ‘Coleção Obras Completas de Seto’ e traz somente uma HQ dele; anuncia os mesmos títulos de “Sexo Maior” e também os nºs 1 de “Arte Erótica” e “Moto Sexo”.

Moto Sexo – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), anuncia os nºs 1 de “Clássicos dos Quadrinhos”, “Magazine Erótico”, “Arte Erótica”, “Mistérios das Trevas” e a edição especial de “Maria Erótica”; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 45,00), sem expediente.

Magazine Erótico – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), anuncia o nº 1 de “Arte Erótica”; – s/nº (36 pág., formato menor, sem preço), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas”.

Maria Erótica – Especial (68 pág., Cz\$ 35,00), talvez seja o nº 1, anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas”; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 50,00), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Série Erótica” e “Espada & Fantasia”.

Clássicos dos Quadrinhos – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), anuncia os nºs 1 de “Magazine Erótico” e “Arte Erótica”; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 45,00); – nº 3 (68 pág., Cz\$ 150,00); – nº 4 (não tenho); – nº 5 (68 pág., etiqueta de preço colada na capa), não traz expediente; – Especial (68 pág., lomb. quadrada, NCz\$ 1,20), não traz expediente.

Arte Erótica – nº 1 (68 pág., Cz\$ 35,00), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de “Pavor e Fantasias Eróticas” mais os nºs 1 de “Magazine Erótico”, “Clássicos dos Quadrinhos” e “Mistérios das Trevas” e o Especial de “Maria Erótica”; – nº 2 (68 pág., Cz\$ 45,00), não traz anúncios nem expediente; – nº 3 (68 pág., Cz\$ 150,00), não traz anúncios; – nº 4 (68 pág., Cz\$ 160,00), não traz anúncios; – nº 5 (68 pág., Cz\$ 500,00), não traz anúncios nem expediente; – Especial (68 pág., lomb. quadrada, NCz\$ 1,20), não traz anúncios nem expediente; – s/nº (132 pág., lomb. quadrada, Cr\$ 120,00), pelo preço, foi lançada após março de 1990; – s/nº (132 pág., lomb. quadrada, Cr\$ 120,00), na capa os dizeres ‘Especial Shima’.

Espada & Fantasia – nº 1 (68 pág., Cz\$ 50,00), no início os dizeres ‘Obra Completa, Coleção Rodval Matias’, anuncia os mesmos títulos do nº 6 de “Série Erótica” mais os dois nºs de “Êxtase em Quadrinhos” e o nº 2 de “Maria Erótica”.

A editora Nova Sampa publicou muitas outras edições depois dessas, com títulos e numeração cada vez mais confusos. Para se ter uma ideia, várias informações que coloquei aqui não batem com as do sítio Guia dos Quadrinhos.

Estes títulos publicados inicialmente pela Nova Sampa, de modo geral, republicaram HQs da editora Grafipar. Tanto que na primeira edição de “Pavor e Fantasias Eróticas”, uma das HQs traz no rodapé anúncios de outras publicações da Grafipar. Consta que a Grafipar tinha dívida com o editor Cazzamata e pagou com os fotolitos de suas revistas. As primeiras revistas da Nova Sampa trouxeram somente trabalhos de Ataíde Braz e como ele era o editor, certamente foi com sua autorização. Depois começou a publicar todo o material da Grafipar, indistintamente, e sabe-se que parcela desse material foi republicado sem autorização dos autores. E sem pagamento pela republicação.

Mas o ponto central deste texto, o que constitui o “mistério”, é que, como visto, todas as revistas publicadas nesta fase inicial da Nova Sampa anunciaram o título “Impacto”, depois renomeado “Série Terror e Thriller”. Parece, no entanto, que os dois números anunciados deste título não existem. Pelo menos, publicados pela Nova Sampa. Uma busca pela internet mostra a existência de duas revistas com título semelhante a este:

Impacto (Série Terror e Thriller) nº 1

Luana (Série Terror e Thriller) nº 1

As duas revistas têm 36 páginas no formato magazine com preço de capa Cr\$ 1.400,00 e foram publicadas em 1984 pela editora Tálamus. Como um dos editores da Tálamus era Carlos Cazzamata, conclui-se que estas duas edições foram anunciadas com o nome “Impacto” nas revistas da Nova Sampa. Curiosamente, a outra revista da Tálamus, “Fantasma Negro”, não foi anunciada.



CONSIDERAÇÕES SOBRE O “QI”

Edgard Guimarães

Entrevista concedida em 2007 para um Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema principal foi a produção do “QI”.

LOGOMARCA DO “QI”

Desde a edição 31 não foram mais feitas alterações na logomarca do “QI”. Isso se deve ao fato de você ter conseguido concretizar o que desejava para a logomarca?

Sim, em parte. Note que embora eu ache importante um logotipo que identifique a publicação, várias vezes abri mão do logotipo em benefício da criatividade da página. Há uma capa em que o logotipo aparece bastante reduzido na forma de um monograma na camisa do personagem Calvo. Em outra capa, o nome “QI” aparece como pichação num muro. Em outra capa, o nome “QI” imita a caligrafia de uma criança. E a solução mais radical foi uma capa em forma de página impressa de jornal, onde as letras “Q” e “I” são justamente as letras que não aparecem na manchete do jornal, pois foram queimadas. Isso tem ligação direta com a HQ interna. Note que o logotipo definitivo apareceu algumas vezes com uma variação, ou seja, em vez de ser opaco tampando a imagem da capa, é transparente deixando ver parte da ilustração que fica atrás. Esta é uma solução que sempre tentei implementar e nunca tinha conseguido. Hoje com os softwares gráficos, deve ser bem fácil fazer isso, mas na época me deu trabalho realizar esse efeito.

Existem mais alterações planejadas para a logomarca do “QI”?

O logotipo deve permanecer basicamente o mesmo, a não ser nos casos em que a ilustração da capa exija mudanças, como nos casos que mencionei anteriormente. Mas há uma alteração que tento fazer há algum tempo e não consegui até agora. Não é propriamente uma mudança no logotipo, mas sua colocação na capa apenas na forma de alto relevo e não com impressão à tinta. Ou seja, o logotipo não seria impresso, mas ficaria levantado na superfície do papel. Isso adiciona um processo a mais na feitura do fanzine e não é um processo fácil. Já tentei fazer e não tive bom resultado. Minha intenção com essa ideia é que o logotipo à primeira vista não ocupe espaço da ilustração da capa. Assim, a ilustração ocuparia a página toda e o logotipo só seria visto num segundo olhar, mais atento. Ele estaria lá, mas nem sempre visível.

Quais conhecimentos você adquiriu com o processo de criação da logomarca do “QI”? E, caso tenham sido adquiridos mais conhecimentos com esse processo, você acredita que isso beneficiaria/alteraria o processo de elaboração de outra logomarca?

Sim, certamente, mas vou colocar a pergunta ao contrário. A realização do logotipo do “QI” já não foi a aplicação dos conhecimentos obtidos anteriormente em dezenas de logotipos que fiz? Essa busca de simplicidade que tentei no logotipo do “QI”, embora eu tenha mencionado o Jô e o Tangram, deve muito à minha experiência na confecção de outros logotipos anteriores. Embora eu nunca tenha feito essa atividade profissionalmente, já fiz dezenas de logotipos, principalmente para fanzines. A escola técnica de minha cidade usa até hoje a marca que eu idealizei. E nela, bem antes do “QI”, já há a característica de extrema estilização e simplicidade. No primeiro fanzine que fiz, chamado “Psiu”, lançado em 1982, o logotipo também tem aspectos interessantes. O nome “Psiu” tem volume e serve de plataforma para dois personagens atuarem. O logotipo aparece na capa e nas páginas 2 e 3 formando uma sequência de HQ. Além disso, a atuação dos personagens em determinado momento danifica o logotipo, ou seja, o logotipo adquire solidez na cena em que está. E há uma sequência entre as ações nos logotipos nos três números de “Psiu” que saíram.

CAPAS DO “QI”

As capas merecem destaque no “QI”. É visível como a revista se tornou mais chamativa aos leitores com sua adição, o que foi relatado como uma das principais razões de sua adoção. Gostaria de me aprofundar em algumas questões sobre os resultados desse novo leque de possibilidades.

Citando sua declaração:

– “A partir do número 40, achei que dar uma roupagem de revista ao “IQI” iria aumentar o interesse pela edição.

Assim, no novo formato, passou a ter capa, editorial, e a trazer HQs feitas por mim, muitas vezes em parceria com outros autores. O restante se manteve, seção de cartas, colaborações e, o principal, a seção de divulgação.”

Contudo, desde a primeira edição já existia uma ‘Carta ao Leitor’. Isso não funcionava da mesma forma que o Editorial?

Sim, esta mudança ocorrida no número 40 teve como principal alteração a inclusão da capa, o que permitiu a criação na contracapa de uma série de HQ, ‘Entendendo a Linguagem das HQs’, muito apreciada pelos leitores. No restante, as mudanças já vinham ocorrendo aos poucos. Mas o número 40 cristalizou estas mudanças, com um aumento do número de páginas tornando a seção de divulgação uma parte menor da publicação.

É interessante notar que existe uma grande variação nas capas, com diversas experimentações. A própria logomarca do “QI” sofrendo transformações, e às vezes deixa de ser utilizada, assim como a própria numeração. Você pode descrever esse processo, e como ele colabora na publicação do “QI”?

O auge na produção da capas do “QI”, segundo muitos leitores e também na minha opinião, foi durante o período em que foi publicada minha série de HQ ‘Mundo Feliz’. Nesse período, a ilustração da capa fazia uma referência ao capítulo da HQ presente na edição, e normalmente uma referência não muito imediata. Ou seja, não era apenas uma reprodução de um desenho da história. Houve muitas ideias de capas que não foram utilizadas por eu não conseguir implementá-las na prática. A capa impressa em preto com tinta prateada é uma ideia que eu tinha há muito tempo e nunca tinha conseguido realizar. Para o “QI” 100 eu tinha uma ideia, mas já fiz algumas experimentações e não será possível executá-la. Então veja que não é só uma questão de ter ideias, mas de ter os recursos fáceis e baratos para realizá-las. Outras vezes alguma ideia tem vantagens mas também muitas desvantagens, daí ser melhor não utilizá-la.

A contracapa (mais precisamente a 2ª capa) passou a ser utilizada para dados como edição, expediente e o editorial. A adição da capa também foi motivada para conseguir esse espaço e permitir um melhor aproveitamento interno do conteúdo do “QI”?

Considero que uma publicação deve apresentar sempre informações sobre ela, como tiragem, data, forma de impressão, etc. Daí a página dois me pareceu o melhor lugar para colocar esse tipo de informação. Outras informações como preço dos anúncios também são úteis ao leitor. No espaço restante, pude colocar o editorial, que muitas vezes é necessário. Como ainda sobrou espaço, aproveitei para colocar algum anúncio, ou, mais recentemente, minha lista de venda de revistas.

Juntamente com as capas, iniciou-se a série ‘Entendendo a Linguagem das HQs’, presente na 4ª capa do “QI”. Como surgiu a ideia de iniciar a série e como isso beneficiou o “QI”?

Essa série surgiu como uma HQ avulsa de uma página que fiz para um workshop sobre quadrinhos, em Curitiba, do qual participei. Achei que a ideia era boa e merecia ser desenvolvida. Quando decidi colocar capa no “QI”, a 4ª capa pareceu o lugar ideal para iniciar a série. Deverá encerrar no número 100, com 60 pranchas produzidas em 10 anos. E esta série tem agradado muitos leitores, a ponto de alguns a considerarem a melhor seção do “QI”. Esta série, embora ainda não terminada, já foi usada como apostila em curso sobre História em Quadrinhos.

Estamos nos aproximando da edição nº 100 do “QI”. Já existe alguma definição em relação às capas?

Para a nova fase do “QI”, não tenho intenção de mudar nada em relação às capas. Além do fato de que serão impressas em xerox, pretendo que seja impressão em preto sobre diferentes tipos de papel. Não haverá mais o recurso de mudar a cor da tinta, como fiz várias vezes no “QI”. Nem a impressão a duas cores, como também já fiz várias vezes. Nesse ponto, haverá um empobrecimento. A ideia de fazer o logotipo em alto relevo ainda não está descartada.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO “QI”

O “QI” surgiu como um veículo para divulgar autores de quadrinhos independentes, contudo sempre permitiu que autores de outros estilos participassem de seu boletim. Também se iniciou um processo de colaboração com outros autores. Gostaria de esclarecer algumas dúvidas a respeito desses trabalhos.

A colaboração dos autores com o “QI” começou de uma forma gradual. Como iniciou essa colaboração, os próprios autores requisitaram que seus trabalhos fossem publicados?

A colaboração com o “QI” tem algumas características peculiares. De modo geral, os fanzines pedem colaborações aos artistas, não pagam pela publicação, mas também não cobram nada. Eu procedi assim com os fanzines que editei anteriormente, começando pelo “Psiu”. Além disso, enviava um exemplar do fanzine a cada colaborador. Essa é a atitude de praxe. Mas no “QI”, eu instituí a colaboração paga, ou seja, o autor paga para a HQ ser publicada. Pode parecer um absurdo, mas não é. Quando o “QI” era gratuito, eu pagava a maior parte do custo de impressão e correio (o custo de impressão desde o começo teve um importante auxílio do valor cobrado por um anúncio conseguido pelo Worney de Souza). Para não aumentar o custo, o “QI” trazia somente a divulgação de edições independentes (que sempre foi seu objetivo primeiro) e não podia aumentar o número de páginas com outro tipo de material justamente para não aumentar o custo. Então, a solução para o aumento de página e diversificação do material publicado, e para dar espaço a colaboradores, foi que o colaborador arcasse com o custo de impressão de sua página, assim como eu arqueei com o custo de todas as demais páginas. Bem razoável, não? Desse modo, um autor que quer divulgar seu trabalho, em vez de fazer um fanzine e bancar sua produção, simplesmente pagaria a impressão de seu trabalho dentro do “QI”. E receberia de graça o trabalho que tenho de fazer a impressão e distribuição, alcançando um número de leitores bem maior do que se fizesse todo o serviço por si mesmo. Este espaço para publicação de colaboração paga no “QI” funcionou durante algum tempo com vários autores fazendo uso dele. Depois foi diminuindo o interesse e quando fiz uma nova reformulação (diminuindo o número de páginas), esta seção sumiu. Hoje ainda há autores que publicam HQs no “QI” pagando o espaço como se fosse um anúncio.

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

CALENDÁRIO NACIONAL

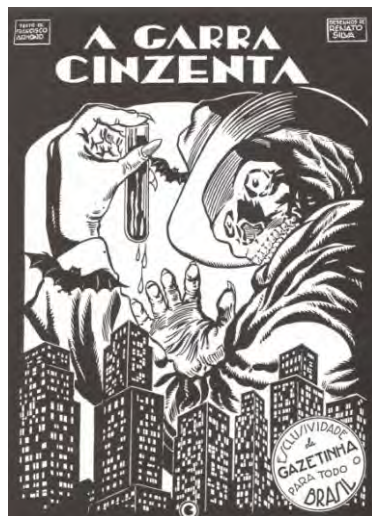
Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

Renato de Azevedo Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1904 e faleceu em 1981. Trabalhou principalmente como ilustrador em revistas e livros didáticos e infanto-juvenis, mas teve várias incursões importantes pelas Histórias em Quadrinhos.

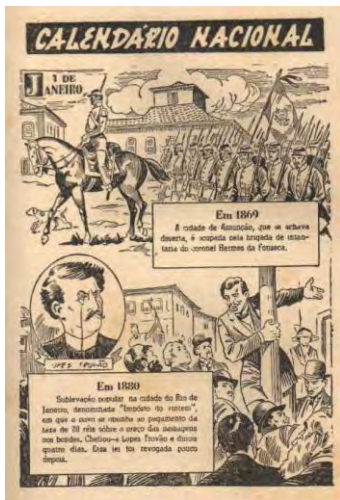
No começo de 1937, ilustrou uma HQ de Nick Carter para o “Suplemento Juvenil”, mas seu trabalho mais importante veio logo a seguir. Entre 1937 e 1939, produziu a série ‘A Garra Cinzenta’, com argumento de Francisco Armond, para o suplemento “A Gazetinha”, do jornal “A Gazeta”, de São Paulo. As 100 páginas de ‘A Garra Cinzenta’ foram compiladas em dois álbuns, pela própria “A Gazeta”, entre final de 1939 e início de 1940. Consta também que a série foi publicada em outros países, notadamente numa revista belga e outra mexicana. Apesar do sucesso da série, ficou esquecida até 1977, quando teve as primeiras 51 páginas publicadas no volume 6 do “Almanaque do Gibi Nostalgia”. Como o Almanaque não teve continuidade, as páginas restantes não foram publicadas. Em fevereiro de 1988, graças à iniciativa de Worney de Almeida Souza, as 100 páginas de ‘A Garra Cinzenta’ ganharam uma edição independente, que logo se esgotou. Recentemente, em 2011, finalmente ‘A Garra Cinzenta’ ganhou edição em álbum de luxo pela editora Conrad.

Além de seu trabalho como ilustrador, consta que Renato Silva também foi professor de desenho, o que explica a quantidade de material didático que produziu e publicou. Já em 1944, teve publicado pela Tipografia Nilópolis seu “Manual Prático de Desenho”, um alentado volume de mais de uma centena de páginas. A partir de 1957, a editora Conquista começou a publicar uma série de fascículos com o nome “A Arte de Desenhar”. Foram cerca de três dezenas de fascículos, reunidos de dois em dois, com temas como ‘Animais’, ‘Composição’, ‘Croquis’, ‘Perspectiva’, ‘Trajes’, etc. Um dos temas abordados foi ‘História em Quadrinhos’, embora se ocupasse mais dos desenhos dos quadros e sua composição do que da narrativa quadrinizada. Praticamente, como de praxe nesses fascículos, não há texto explicativo, mas curiosamente trouxeram duas HQs mudas, possivelmente inéditas, de Renato Silva. Estes fascículos tiveram constantes reedições até a década de 1970 e recentemente estão sendo republicados pela



editora Criativo. A editora Conquista publicou ainda, em 1966, um volume chamado “Desenho Artístico ao Seu Alcance”, no mesmo estilo do “Manual”.

Voltando às Histórias em Quadrinhos, Renato Silva produziu ainda uma obra admirável, da qual não se fala muito e sobre a qual não tenho informação muito precisa. Segundo Reinaldo de Oliveira, Renato Silva produziu para o jornal “Diário de Notícias” duas séries de temática histórica com os títulos ‘Histórias Que Ficaram na História’ e ‘Histórias da História do Mundo’. Deduzo que estas séries foram publicadas no jornal no começo da década de 1950. Porém, antes, no final da década de 1940, o mesmo “Diário” publicou a série ‘Calendário Nacional’. Esta série é composta de um painel diário referente ao dia da publicação com cerca de duas ilustrações legendadas sobre fatos históricos acontecidos no Brasil naquele dia. Assim, de 1º de janeiro até 31 de dezembro (não sei especificar qual ano, mas é anterior a 1949), o “Diário de Notícias” publicou diariamente um painel de Renato Silva tratando de temas históricos. Por exemplo, em 1º de janeiro, no ano de 1869, Hermes da Fonseca ocupou a cidade de Assunção, e, em 1880, Lopes Trovão chefiou uma sublevação popular no Rio de Janeiro contra o aumento da passagem dos bondes. Esses 366 painéis foram reunidos em livro em 1950 pela Tipografia Nilópolis. Embora muitos não considerem este tipo de trabalho como Histórias em Quadrinhos “verdadeiras”, de fato são, “falsas” se quiserem.



Pelo que pude deduzir, as duas séries mencionadas por Reinaldo de Oliveira são posteriores, do começo da década de 1950 e deve ser o material que foi compilado pela editora Conquista com o título “Seleções da História do Brasil e do Mundo” ainda na primeira metade da década de 1950. Esta série era composta de episódios históricos quadrinizados em uma página com 6 ilustrações acompanhadas de legendas. Cada página tratava de assunto diverso, sem continuidade. A editora Conquista publicou 13 fascículos de “Seleções da História do Brasil e do Mundo”, cada um com 32 páginas (excluindo as capas), formato horizontal, com numeração continuada de um fascículo para o outro. No fascículo, cada HQ ocupava a página da frente e na do verso foi acrescentado um texto mais detalhado sobre o tema. As legendas das HQs assim como a seleção do texto do verso são atribuídas ao professor de História Sergio Macedo. No total, foram 416 páginas correspondendo a 208 páginas de HQ. Enquanto publicava os fascículos, a editora Conquista anunciou um primeiro volume encadernado com os 10 primeiros fascículos. Isso significa que a editora imaginava que haveria outros 10 fascículos? Talvez, quando a Conquista começou a publicar os fascículos, a série ainda estivesse sendo produzida para o “Diário de Notícias”. Talvez, por alguma razão, o jornal tenha interrompido a publicação e Renato Silva parou de produzi-la. Assim, a Conquista teve que encerrar a coleção no volume 13. São só suposições. A editora lançou vários encadernados, como um de 1956 com todos os 13 fascículos sem as capas. Lançou também encadernados compilando 4 fascículos (sem as capas).

O texto publicado na 2ª capa do primeiro fascículo de “Seleções da História do Brasil e do Mundo” merece destaque: “A síntese, ao mesmo tempo que é o caminho da perfeição, corresponde a uma exigência da hora presente. Por isso, as “histórias em quadrinhos”, que são a síntese aplicada à literatura, tomaram tal desenvolvimento que ninguém mais discute a sua eficiência, o seu poder de sedução, particularmente junto à infância e à juventude, sem falar de sua utilidade nos domínios da pedagogia. O problema, hoje, é de seleção, de critério, separar o joio do trigo, pois da mesma forma que a “história em quadrinhos” recrea e instrui, quando elaborada com honestidade, também pode contribuir, e poderosamente, no sentido da deformação da mentalidade dos jovens, quando elaborada sem escrúpulos.”

“Pouca gente, crianças e adultos, desconhecerá o trabalho honesto, perseverante e criador, altamente educativo, de Renato Silva e Sergio Macedo, conceituados professores de Desenho e História, publicado com regularidade no “Diário de Notícias”. Portanto, esta publicação não é uma experiência mas a afirmação categórica de uma vitória bastante expressiva, em escala ascendente, cada vez em plano mais alto. Ontem, simples publicação isolada no jornal; hoje, conjunto harmonioso, cuidadosamente revisto, em fase de transição da revista para o livro, vencendo distâncias, atingindo camadas mais amplas de leitores, circulando não mais apenas nas zonas limitadas dos jornais, mas por todo o Brasil, nas bancas de jornais e nas livrarias, em forma permanente, nos lares, nas bibliotecas, nos educandários, nos locais de trabalho, etc.”

É preciso lembrar que início da década de 1950 assistiu a manifestações de pais e professores contra as histórias em quadrinhos, no entanto, quase nunca comentado é que elas tinham seus defensores, autores e editores que enxergavam sua força e potencial educativo. E a editora aproveitou o espaço da capas internas dos fascículos seguintes para colocar as opiniões favoráveis de professores, escritores, acadêmicos, diretores de escolas e faculdades, autoridades reconhecidas da época.

Um ponto interessante em relação a essa “modalidade histórica” de história em quadrinhos aparece no livro “Desenho Artístico ao Seu Alcance”. Depois de tratar dos assuntos referentes ao desenho propriamente dito, no final do livro Renato Silva trata rapidamente de assuntos relacionados como a Ilustração, a História em Quadrinhos e a Propaganda. Na parte sobre HQ, mostra em oposição páginas de ‘Seleções da História’ e de ‘A Garra Cinzenta’ com os comentários: “Por se tratar de assunto histórico, isto é, de natureza verídica, seu texto deve ser sempre colocado abaixo dos respectivos quadros e em blocos também uniformes. Outro exemplo, porém do gênero de ficção policial mais em uso, que permitindo colocar no interior de seus quadros as legendas em forma de diálogos (balões), empresta ao trabalho uma aparência mais cinematográfica e atraente. Isso tem a vantagem de dar maior destaque às figuras que a compõem.”

Finalmente, um “mistério” que aparece nos 2 fascículos de “A Arte de Desenhar” dedicados à História em Quadrinhos. Renato Silva coloca vários exemplos de quadros avulsos, rascunhados e finalizados, na maioria retirados das HQs de ‘Seleções da História’. Também coloca algumas páginas de ‘A Garra Cinzenta’ e outras de ‘CALENDÁRIO NACIONAL’. No entanto, apresenta algumas páginas em tamanho grande, muito bem feitas, de HQs de tema histórico que não pertencem a nenhuma das obras aqui mencionadas. Que trabalho seria esse e onde foi publicado?



TIRANDO O CHAPÉU

RIP KIRBY

Edgard Guimarães

Às vezes, algum desenho ou tira ou HQ, por algum motivo, causa impacto inusitado em nossos sentidos. Esta seção mostrará alguns desses espécimes.

A editora norte-americana IDW publicou 4 belos livros com todas as tiras da série ‘Rip Kirby’, produzidas por Alex Raymond, no Brasil, apelidada ‘(Nick) Holmes’. Raymond esbanja seu talento como desenhista nesta série, produzida já em sua fase madura, e interrompida devido ao trágico acidente automobilístico de que foi vítima. Nos argumentos e roteiros, contou com ajuda de outros profissionais como Ward Greene e Fred Dickenson. As histórias são, em geral, boas, com temas e soluções interessantes, poucas vezes causam algum constrangimento e também poucas vezes provocam uma emoção mais intensa. Há, sim, passagens marcantes como, logo no começo da série, a sequência em que Kirby é torturado, o que causou até alguns aborrecimentos para a agência. Ou a aventura em que Kirby é seduzido por uma bela artista, cujo objetivo é vingar-se dele dando-lhe um fora. Mas os recursos narrativos, como os cortes e as elipses, por exemplo, não são muito usados, como é de se esperar numa série de aventura. No volume 4 da série, no entanto, aparece uma tira que, ao mesmo tempo, é um primor de narrativa e uma prova de como o leitor pode ser subestimado.

A história gira em torno de Honey Dorian, que é contratada para transportar um vestido da Europa para os Estados Unidos, numa viagem de navio. O vestido tem uma rosa na qual está escondido um microfilme. Honey não sabe disso e também não vem ao caso. Honey é convidada para um baile pelo capitão do navio e fica tentada a usar o vestido. A tira de 31 de maio de 1956 mostra, no 1º quadro, Honey pensando: “Não seria maravilhoso se eu pudesse usar este vestido esta noite? Mas, é claro, eu nem pensaria nisso...”. No 2º quadro, continua pensando: “Eu devo apenas entregá-lo a Madame Zero. Não interessa que ele seja tão bonito, isso não seria certo. Fora de questão!”. E então vem o corte (ou a elipse) e o 3º quadro mostra Honey saindo de sua cabine usando o vestido. Uma bela utilização de um recurso narrativo poderoso, de quebra dando uma alfinetada no comportamento impulsivo feminino. Mas o próprio 3º quadro já dá uma quebrada no efeito da elipse ao acrescentar à cena uma outra figura (que estava espionando Honey para garantir a entrega da encomenda). Ora, este 3º quadro deveria se restringir apenas à imagem de Honey usando o vestido “proibido”, para que o recurso narrativo aparecesse com toda sua força.



Não satisfeitos em terem matado o efeito da elipse no final da tira de 31 de maio, os autores, no primeiro quadro da tira seguinte, jogam a pá de cal. Não confiando que o leitor tivesse captado a mensagem de que Honey estava usando, de maneira inapropriada, o vestido, tornam a repetir a informação, mostrando-a pensando: “Eu não deveria nunca usar este vestido que estou transportando para Madame Zero, mas simplesmente não pude resistir. Terei que ser cuidadosa...”.

Este primeiro quadro, no entanto, ao mesmo tempo que é redundante e anti-climático para quem está lendo as tiras em sequência nas páginas de um livro, para quem leu a tira isolada em um jornal, foi a preparação para mais uma elipse. O 2º quadro da tira de 1º de maio já mostra Honey, sentada à mesa com o Capitão do navio, derrubando café justo na rosa do vestido.

Não é fácil fazer história em quadrinhos!...

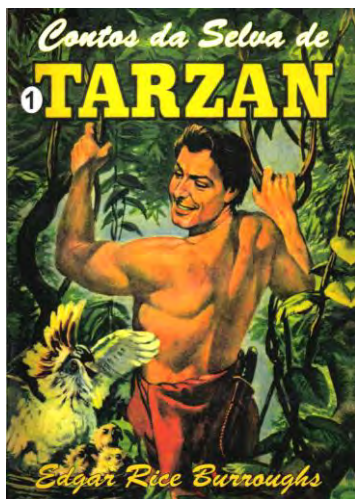


Tira de Luiz Cláudio Lopes Faria.

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz vários lançamentos, com destaque para:

Contos da Selva de Tarzan n° 1 – Álbum de 100 páginas no formato 185x250mm, trazendo HQs de Tarzan produzidas por Roy Thomas, John Buscema, Alfredo Alcalá e Klaus Janson ('O Deus de Tarzan', 'A Batalha por Teeka' e 'O



Fim de Bukawai'), John Celardo ('A Lenda de Tarzan'), Burne Hogarth ('Primeiro Amor de Tarzan'), além de ilustrações diversas de Frazetta e de Sérgio Luiz Franque.

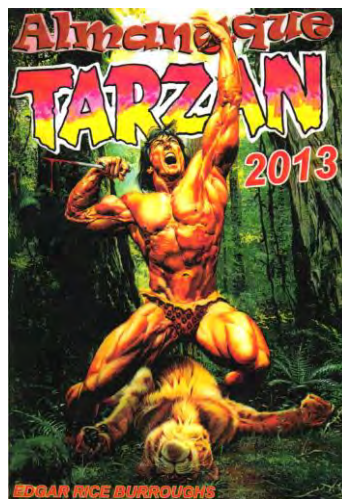
Almanaque Tarzan 2013 –

Álbum de 100 páginas no formato 185x250mm, trazendo HQs de Tarzan e Boy, produzidas por Jesse Marsh e Russ Manning ('O Mestre Estampador dos Quicuios', 'Os Elefantes de Athne', 'O Destruidor do Chamba', 'O Templo das Chamas', 'Os Homens-Águias', 'O Pântano das Mil Mortes', 'O Guia dos Macacos' e 'O Menino Zebra').

Preço promocional de cada álbum para os leitores do "QI":

R\$ 60,00.

Sérgio pretende produzir a coleção **Contos da Selva de Tarzan** até o número 20 e está produzindo os



Almanaques de Tarzan até o ano de 2020. A coleção **Álbum de Tarzan** foi estendida até o n° 30, incluindo novas aventuras de Russ Manning, John Celardo, Frank Hoban e Dave Hoover.

A revista **Cowboy Valente** já tem 11 números editados, cada um dedicado a um cowboy, na seguinte ordem: Ringo Kid, Kid Colt, Cavaleiro Negro, Kit Carson, Bill Dynamite, Don Chicote, Apache Kid, Cavaleiro Solitário, Flecha Ligeira, Tom Earp, Bill Tiro Certo.

A revista **Cowboy do Cinema** também tem 11 números editados, com os cowboys Roy Rogers, Durango Kid, Rex Allen, Rocky Lane, Johnny Mack Brown, Monte Hale, Hopalong Cassidy, Gene Autry, Tim Holt, Rex Ritter e Bill Elliott.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

CONSTRUÇÕES DE ARMAR

ANTÓNIO MARTÍNÓ DE AZEVEDO COUTINHO – *texto enviado por Carlos Gonçalves*

No princípio era o papel. Uma normal enciclopédia – de papel, claro! – diz-nos que esta hoje banal matéria-prima terá sido inventada na China milenar, e bem cedo. E por muitos séculos por lá se terá conservado, enquanto no restante mundo tido como civilizado outros materiais se usavam como suporte para a escrita e o desenho, após as respectivas descobertas. Terá o papel passado primeiro ao Japão, próximo, e depois, pelas conquistas árabes, acabou por atingir o Ocidente. Aqui, na nossa Península Ibérica, há sinais do papel em pleno século XII.

A fabricação artesanal e, logo, industrial constituiu o passo seguinte, permitindo aquilo a que hoje chamaríamos a democratização do papel. Daí à sua popularidade foi um pequeno passo. A chamada Revolução Industrial difundiu as aplicações domésticas do papel, na mesma medida em que as técnicas de impressão o fizeram entrar em domínios cada vez mais amplos. Assim, chegou ao mundo dos brinquedos.

Ao que se julga saber, um dos primitivos exemplares desta aplicação revela a construção de pequenas figuras bidimensionais, modelos que podiam ser “vestidos” com “roupa” também impressa em papel, depois recortada e aplicada por meio de pequenas patilhas dobradas.

Os teatros, modalidade artística em voga, também constituíram universo que sensibilizou criadores de réplicas, em miniatura, com cenários, adereços, personagens e guarda-roupas adequados, tudo impresso em papel e depois devidamente montado, de forma tridimensional.

Daí, chegou-se às construções de armar propriamente ditas, onde as mais diversas temáticas constituíam desafio para a imaginação dos criadores. Poucos exemplares destas peças históricas terão chegado até aos nossos dias, dada a fragilidade do material. A partir do século XIX, a comercialização maciça de certas colecções permitiu a sobrevivência de belos espécimes da produção da época, onde o recorte, a montagem e a colagem das diversas peças permitiam a obtenção de alguns notáveis conjuntos do género. Paradoxalmente, terão sido as guerras que incentivaram este género de arte aplicada. Na primeira, difundindo modelos militares, barcos, aviões, fardamentos, bandeiras e outros; na segunda, substituindo como material para fabricação de brinquedos o metal e a madeira, e permitindo o desenvolvimento das temáticas anteriores.

Nos Estados Unidos, onde a difusão de revistas e suplementos dominicais infanto-juvenis antecedeu o mesmo fenómeno na Europa, começaram a ser publicadas folhas soltas ou páginas com construções de armar. Daí, essa difusão passou para as embalagens de cartolina de certos alimentos, como os cereais ou os aditivos achocolatados.

Em Portugal, situa-se nos anos 1930 do século XX a aparição frequente de folhas soltas, encartes de certas revistas, com tal tipo de construção. O “Pim-Pam-Pum”, célebre suplemento infantil de “O Século”, diário nacional, inseriu muitos trabalhos do género, alguns já dotados de certo grau de dificuldade técnica e distribuídos por sequências, dadas a dimensão e a complexidade do produto final.

Algumas das nossas mais representativas revistas de quadradinhos (banda desenhada, como se diz hoje!) fizeram da inserção de construções de armar uma marca de qualidade, como aconteceu, entre outras, com o “ABC-Zinho”, “O Senhor Doutor”, “Papagaio”, “O Mosquito”, “Mundo de Aventuras”, “Camarada” e “Cavaleiro Andante”. Nalguns casos, a proposta atingiu tal dimensão que era vendida à parte, em sobrescritos próprios, contendo folhas impressas (em certos casos já em cartolina) e as instruções de montagem.

A qualidade técnica, gramagem do papel ou cartolina, impressão e até deficiências de concepção constituíram óbices à difusão desta “arte” aplicada. No entanto, as construções de armar “atreram-se” a incluir modelos de aviões, barcos, automóveis, comboios, carros elétricos e outros veículos. Em certos casos mais sofisticados o movimento das peças, embora limitado, estava incluído. No entanto, podemos considerar mais clássicas as propostas de edifícios (podendo atingir a dimensão de uma pequena “aldeia típica”), presépios e até monumentos, à escala, sendo alguns quase prodigiosos no rigor da sua engenhosa reprodução.

A facilidade de execução incluía intermediários muito simples, como a tesoura e cola. Nos tempos antigos, esta era quase rudimentar, desde a goma-arábica, escura, em pequenos frascos de vidro dotados de pincel acoplado, até à cola branca Cisne (passe a publicidade), em bisnagas com letras verdes. O trabalho de recorte e dobragem das pequenas patilhas onde se aplicava a cola era a mais delicada e exigente fase preparatória. A posterior manipulação das peças, de cuja perfeita junção dependia o êxito do trabalho final, implicava paciência e jeito...

Há casos, hoje estudados e devidamente registados, de desenhadores nacionais de elevado mérito que também se dedicaram à criação das construções de armar. Frequentes exposições temáticas e certos setores de alguns museus públicos, até mesmo colecções privadas, ostentam exemplares desta modalidade manual cujo manifesto interesse ganhou colecionadores muito empenhados na sua voluntária e meritória tarefa.

Não lembrei este tema das construções de armar apenas por estar ligado, como estou, à banda desenhada. A quem viveu, como aconteceu com a minha geração, a época dourada dos quadradinhos em Portugal, não lhe é indiferente o significado das construções então publicadas e propostas pelas revistas do género.

E foi precisamente o despertar deste antigo e salutar sentimento que um velho amigo destas andanças me proporcionou há dias, ao enviar-me algumas imagens do seu próprio arquivo pessoal, alusivas ao tema em apreço.

Conheci Carlos Gonçalves pelo final da década de 1970 e ele foi, juntamente com Geraldino Lino, quem me abriu as portas do Clube Português de Banda Desenhada. Eles eram, na época, os elementos mais dinâmicos nessa associação a quem os quadradinhos nacionais bastante ficaram a dever. O seu “Boletim”, os eventos que organizava, sobretudo festivais e exposições, o convívio e a discussão que proporcionava entre os seus membros, o intercâmbio com associações congêneras estrangeiras, o prestígio granjeado, tudo isso enriqueceu e fez crescer a causa, deixando uma herança que perdura para além desses tempos de apogeu. Entre 1982 e 1985, pela sua mão, participei activamente nos Festivais nacionais organizados em Lisboa (na F.I.L.) pelo Clube, do qual me tornaria delegado em Portalegre.

Algumas notáveis exposições do Clube vieram à nossa cidade, como ‘100 Anos de Histórias aos Quadradinhos em Portugal’ (junho de 1979) e seus elementos, convidados, aqui participaram em diversas realizações, como no ‘I Encontro Banda Desenhada e Pedagogia’ (ESEP, maio de 1987). O Centro de Estudos de Banda Desenhada, que funcionou em Portalegre sob a égide do F.A.O.J., recebeu sempre do C.P.B.D. um valioso e permanente apoio. O Clube ainda existe, embora as suas atividades se tenham hoje restringido à edição do muito significativo ‘Boletim’ e a encontros de convívio entre os seus membros.

Carlos Gonçalves possui uma impressionante e valiosa colecção pessoal de jornais e revistas de quadradinhos, sobretudo nacionais, mas não só. Porém, ultrapassa em muito a simples posse e usufruto de tal riqueza. Foi responsável, durante anos, por duas páginas semanais sobre BD no “Correio da Manhã”, tendo ainda publicado artigos alusivos no “Diário Popular” e em outros jornais, incluindo os de quadradinhos. Entre outros trabalhos, é da sua autoria um notável estudo publicado na já desaparecida revista “História”, em sucessivos capítulos entre novembro de 1986 e abril de 1988. Tal trabalho, como a própria revista justamente apresentou, foi “a primeira recolha minuciosa de elementos cronologicamente articulados dada à estampa numa publicação destinada ao grande público – o que à partida a vocaciona para ser lida por toda gente, e não apenas pelos fãs das histórias aos quadradinhos, do cartoon ou da imagem em geral.” Recorro, com frequência, ainda hoje, a essa obra.

Também as construções de armar, componente essencial do universo dos quadradinhos numa dilatada época de sua existência, interessaram Carlos Gonçalves, que lhes dedicou atenção e sobre elas realizou algumas exposições temáticas. Pela mão de Carlos Gonçalves e de Dâmaso Afonso conhecemos um quase conterrâneo, alentejano de Vila Viçosa, que criou fascinantes construções de armar que fizeram a felicidade, manual e não só, de muitas crianças e jovens de outras gerações.

Hoje, com a mania das grandezas e as motivações do “Guinness”, as construções de papel e similares atingiram quase a loucura. O “Guinness” registrou uma construção de papel (usando 218.792 vulgares cartas de baralho), com a qual o norte-americano Bryan Berg reproduziu em escala um famoso casino de Macau.

António Velez (1921-2000) construía sonhos à escala humana, acessíveis aos vulgares gaiatos que éramos e esse é um muito maior mérito. O Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem, sediado em Amadora, homenageou-o há escassos meses, louvando-lhe com justiça o papel inestimável que desempenhou no seio duma verdadeira arte manual.

Será conveniente acrescentar que António Velez não esteve isolado na prática dessa forma inventiva de proporcionar horas de lazer bem preenchidas a algumas gerações de portugueses. Basta lembrar alguns dos ilustres nomes que também criaram construções de armar – Calvet de Magalhães, Cottinelli Telmo, Jorge Barradas, Fernando Bento, António Cardoso Lopes, José de Lemos, Eduardo Teixeira Coelho, Vitor Pêon ou José Garcês – para o situarmos numa honrosa lista de gente da mais alta qualidade, ligada aos quadradinhos nacionais.

Um simples episódio basta para ficarmos dotados da consciência do valor e das implicações sociais do trabalho de António Velez. Desenhador profissional enquanto funcionário público, a sua conhecida ocupação de tempos livres suscitou o interesse do Ministério da Educação que lhe encomendou uma série de construções de papel dedicada às casas regionais portuguesas. O autor pediu conselho e autorização ao arquiteto Raúl Lino para se inspirar nos seus próprios e já célebres projectos. O êxito da colecção foi tal que muitos emigrantes mandariam construir as suas casas, reais, à semelhança dos modelos de A. Velez. Também nas escolas a receptividade foi estimulante.

As construções de armar ainda hoje seduzem minorias. Perderam, no entanto, o original encanto de tempos em que os brinquedos eram uma aquisição pessoal de cada um de nós, nos botões, nas caricas, nos berlindes, nos piões, nas bolas de trapo... Contribuíam para a nossa ingénua felicidade colectiva de outros tempos, ainda sem computadores, telemóveis ou televisão por cabo...

N.E.: No Brasil, as construções de armar tiveram seu espaço, mas minha impressão é que em menor escala e menos associadas às revistas de quadradinhos. A revista infantil “O Tico-Tico” sempre trouxe este tipo de atividade, mas minha geração foi marcada pela revista “Recreio”, editada pela Abril na década de 1970. Inesquecíveis o Zoológico e a casa de dois andares, mobiliada, com jardim e quintal.

Ao lado, uma construção de armar bem simples publicada no “Almanaque d’O Tico-Tico” de 1955.



FÓRUM

ALAEERTE GOLZENLEUCHTER

R. Silva Jardim, 568/62C – Piracicaba – SP – 13419-140

Eu me identifiquei totalmente com a questão da Metátese (palavrinha chata, não?). No meu caso, passei anos lendo nos gibis da Disney o nome da cidade dos Patos como Patópolis (sem o acento mesmo, apesar de ele estar lá!), só muito depois me dei conta de que era Patópolis... Mas aí era tarde. Também acontece comigo a mesma coisa que você relatou no trabalho Percy/Peryc do Denilson Rosa. Aliás, posso te dar um conselho? Lá vai: a fonte usada no título da coluna 'Quadrinhos Brasileiros Bissexto' gera alguma confusão, assim como aquela do "História em Quadrinhos"... De repente, acho que você deveria usar uma fonte mais limpa. Só uma sugestão! Mas se a ideia é mesmo fazer o leitor prestar atenção, e reler o texto, então deixe como está. Acho que descobri a sua artimanha (ou seria mumunha?) para prender o leitor, hein?

De resto, sempre aprecio a coluna 'Mistérios do Coleccionismo', parece que não há uma só publicação no Brasil que não tenha suscitado dúvidas ou dilemas nos colecionadores...

Nos próximos dias farei o depósito da nova assinatura 2013. Afinal, esperei, mas não veio o fim do mundo. Mas, como sempre digo, o mundo já acabou faz tempo. Exemplo? A mídia chama de apresentadora de TV a Luciana Gimenez e a Ana Hickman e ainda tenho que ler numa revista que o Murilo Benício foi considerado o homem do ano, pelo seu personagem na novela da Globo... Ainda duvida que o mundo acabou?

ANTONIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Recebi hoje o "QI" 118 e já li todo. Estou te enviando xerox de reportagens sobre HQs e evento sobre cartum (9º Cartucho) acontecido aqui. Gostei muito dos teus trabalhos, 'Um Conto de Natal' e os nºs 4 e 5 de 'cotidiano alterado'. Destaco 'Mistérios do Coleccionismo' e a matéria sobre João Tymbira, eu não conheci este personagem. Outra matéria que gostei muito foi sobre o Homem Justo, que "conheci" na revista "Historieta".

Tapejara

Louzada



Tira enviada por Antonio Pereira Mello.

VALDIR DÂMASO

R. Miguel Palmeira, 1448/101 – Maceió – AL – 57055-330

Recebi, já faz alguns dias, o "QI" 118, bem como todos os outros anteriores. Infelizmente, como eu gostaria de ter feito, não cheguei a comentar a maioria deles. Nunca pensei que, beirando os 80 (completarei 79 em março), faltaria tempo para me dedicar mais aos quadrinhos de que tanto gostamos, mas oportunamente prometo gastar algumas linhas para um bom "papo", com comentários. Só posso lhe dizer que o "QI" continua indispensável para todos os que se interessam por quadrinhos, antigos ou atuais.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Nova Iguaçu – RJ – 26580-370

Li em um dos últimos "QIs" uma seção sobre "cartas nostálgicas". Lembrando-me do Barwinkel – grande saudade – fui ao "Grupo Juvenil" 50 e xeroquei uma carta – minha – ali publicada. Remeto-a ao amigo, como também xerox de 'A História dos Almanques', publicada no "Almanaque do Tico-Tico" 1938, e uma folhinha realizada pelo meu filho Flávio em cima de uma tela por mim pintada (utilizando uma gravura antiga de Cristo).



Carta de Abelardo Souza a Jorge Barwinkel, publicada no "Grupo Juvenil" 50 (dez/1999).

Tenho em mãos os últimos "GJs". Todos comentam os mais diversos estilos que ali aparecem: reportagens, seção de cartas, histórias completas dos mais diversos heróis, etc, etc, etc.

Capas. Este é o meu tema.

No início, as capas eram em P&B. Agora, coloridas e com um acabamento de primeira linha, parecendo a colcha de retalhos que minha avó fazia e eu ficava, todo orgulhoso, olhando a colcha cobrindo a minha cama. Parecia uma pintura de várias telas numa tela só. E, hoje, ao relembra-la, vejo as telas de Portinari, Picasso, Zualar ali expostas: Numa colcha de retalhos.

Num repente, coloco todos os "GJs" com capas coloridas, lado a lado. E as capas formaram um quadro nostálgico de gibis, que só alguns afortunados têm em mãos. Entretanto, um grande número de aficionados jamais os terá, e, somente pelo intermédio de fanzines como o seu, poderão descobrir o prazer de ler um "O Guri", "O Globo Juvenil", "O Gibi Mensal", "O Lobinho", o... É um trem de recordações que não acaba mais.

JB, o seu trabalho é importante para os que desejam pesquisar, recordar ou voar para os mundos dos quadrinhos (quadrinhos, bande dessinée, strips, tirinhas, etc.) no tapete mágico O GRUPO JUVENIL. Parabéns.

LUCIANO FREIBERGER

R. Porto Seguro, 345 – Porto Alegre – RS – 91380-220

No presente lote, existe uma geschichtsammlung (coleção de histórias) da revista "Comicaeze" sobre o aniversário da medieval Munique. Cada autor apresentou sua visão dessa fabulosa capital da Baviera, com estilos heterogêneos, porém mantendo o tema.

Existe em minha coleção infelizmente apenas um exemplar em formato wimpel (bandeirola – >) editado por Klaus Grobys, no norte da Alemanha. Não tenho notícias de que alguém mais tenha editado algo assim no mundo. É extremamente raro, seguido pelo formato talão de cheque italiano.

Agora sou eu, o Jorge Magalhães, quem lhe escreve, em primeiro lugar para lhe agradecer a apreciação que fez ao fanzine dedicado a Franco Caprioli, que teve a minha participação como autor do texto e coordenador e da Catherine (Labey) como paginadora. Foi um trabalho exaustivo de muitos meses, mas que felizmente valeu a pena pelos resultados obtidos, com destaque para a reprodução e impressão da maioria das páginas, que ficaram excelentes, devido sobretudo ao trabalho de restauro da Catherine. Até Fulvia Caprioli, filha do grande Mestre italiano, se congratulou com essa homenagem, no âmbito da exposição que foi realizada em Moura, por iniciativa do Carlos Rico e do Luiz Beira, e posteriormente em Viseu, com o apoio das respectivas Câmaras Municipais.

Raramente surge em Portugal uma oportunidade deste género e estou muito satisfeito por ter participado nela, trabalhando mais uma vez em colaboração com o Carlos Rico, num projecto a que ele tem sabido dar continuidade, apesar das limitações impostas pelo isolamento da região onde vive. Em Viseu, como sabe, foi editado um DVD com muito material adicional de Caprioli, aproveitando a sugestão da GICAV, organização cultural que promoveu e patrocinou a exposição nessa cidade. Infelizmente a tiragem foi muito pequena e parece que o pessoal do GICAV não se preocupou, por isso, em fazer publicidade ao DVD, que até agora chegou a muito poucos interessados. A qualidade das páginas reproduzidas – incluindo várias histórias de Caprioli nunca publicadas em Portugal e no Brasil – ficou tão boa quanto no fanzine e tem ainda outros assuntos de interesse, como a relação (que julgo estar completa) das histórias publicadas pela Ebal, tema que eu não pude abordar no fanzine por falta de espaço. Aproveito a oportunidade para lhe sugerir a consulta do site da Anafi, que tem uma parte dedicada à obra de Caprioli, com reprodução integral de várias de suas histórias publicadas em Itália. Transcrevo até as palavras que Fulvia Caprioli nos dirigiu, depois de lhe termos dado conhecimento do seu grande interesse pela obra do pai:

Sono molto contenta che mio padre sia conosciuto ed apprezzato anche in Brasile. Così, mi fanno molto piacere le parole di apprezzamento nei confronti di mio padre da parte di quel giovane brasiliano amico di Carlos Rico. Puoi dargli l'indirizzo del sito dell'ANAFI, da dove potrà stampare alcune storie di mio padre:

www.amicidelfumetto.it/francocaprioli

DENILSON ROSA DOS REIS

R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380

Nunca fiquei tão contente de uma divulgação com nome errado do meu personagem, afinal, este erro gerou uma baita divulgação do meu trabalho com ótima reprodução da capa e tal. Continue errando, amigo... Mas falando sério, nem eu me dei conta do erro quando saí a divulgação do Peryc na lista de Edições Independentes, para você ver como é a coisa.

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

Ainda não tinha lido a apresentação do livro “Escritores de Brazópolis”, na época de seu lançamento, o trecho que você destaca em ‘Ainda Direitos’ mostra que pensamos de maneira conforme. E você ainda cita um aspecto importante da discussão: interesse público X interesse privado. Tenho visitado exposições de artes plásticas (inclusive contemporânea ou moderna). Alguns espaços exibidores não permitem fotografar as peças expostas (inclusive sem flash). Respeito a determinação dos expositores, mas fico extremamente frustrado com isso. Documentar o espaço visitado não diminui o valor da obra. E divulgar o que encontro de interessante nesses espaços é dar oportunidade àquele que não dispõe de condições de visitá-los, de saber o que ocorreu nesses eventos e de conhecer algo novo, diferente. É assunto que rende...

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Muita saúde, harmonia e criatividade em 2013. Para finalizar o ano de 2012, mais um exemplar ótimo do “QI”. A começar com a bela capa do Lancelott. Dos seus artigos, como sempre maravilhosos, adorei a homenagem a Franco Caprioli. É um dos mestres da minha preferência, tenho todos os trabalhos dele que foram publicados em “Epopeia”. O homem é fantástico, que perfeição, que técnica, que capricho. Cada desenho é uma obra de arte. Nunca entendi por que o Milo Manara sempre foi “endeusado” aqui no Brasil se os seus desenhos são uma “cópia” fiel do Franco Caprioli. Você já notou? É lógico que gosto muito do Milo Manara, mas os tais admiradores do Manara nunca citam o “original”, que é o mestre Caprioli. Dos “deuses” dos quadrinhos, o Caprioli é um dos que mais admiro, parabéns aos patrícos por essa homenagem ao mestre. O Worney, como sempre, nos traz uma surpresa, coisas que só ele descobre. Também estou gostando muito dos seus trabalhos ‘Do Fundo do Baú’, lindos esses dois deste número.

Agora os agradecimentos. A ti, por me enviar o ‘Conto de Natal’ e os ‘cotidianos alterados’. Vou mandar xerox para a Alda Cabral e para o meu primo Fernando, aliás, estou sempre mandando xerox de muitos dos seus trabalhos. O meu filho Guilherme te agradece pela publicação dos desenhos dele, também agradece ao Luciano Freiberger pelo comentário do desenho, é legal ser citado por alguém que conhece muito de desenho. Para finalizar, também quero agradecer ao professor José Salles por nos brindar com ótimas revistas que ele edita, é maravilhoso rever os trabalhos de muitos mestres do quadrinho nacional, como Rodolfo Zalla, Gedeone, Shimamoto, Elmano, Menezes, Sérgio Lima e outros mestres brasileiros. Eu tenho praticamente tudo que ele publicou, quem não conhece as maravilhosas revistas que ele edita, procure conhecer, a editora Júpiter II é um oásis no meio de tanta porcaria que se edita no Brasil.



O ano que terminou foi de sucesso para o “QI”, que, prestigiado, continua firme, isso sob o meu ponto de vista, que, acredito, é compartilhado pelos queridos leitores do fanzine. O Lancelott fez belíssima capa, que está soberbo no seu conteúdo, com os artigos do editor, ‘A Terra dos Super-Heróis’ do Lincoln Nery, o ‘Mantendo Contato’ do Worney A. Souza. Sobre Heróis Brasileiros, João Tymbira do Francisco Acquarone – é um texto maravilhoso de ler. Essa edição que Valdir Dâmaso publicou em 1988, comemorando 50 anos de João Tymbira, está à venda em algum lugar?

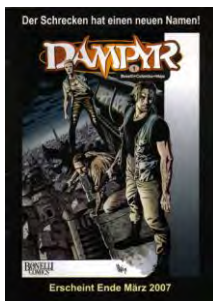
O jornal “O Estado de Minas” de 1/8/2012 publicou um artigo do Fernando Brant sobre a volta do disco de vinil, com alta qualidade, no mundo inteiro. Ovi falar que também o quadrinho de Rocky Lane vai voltar, e Jonah Hex está de volta na TV. A rede SBT está anunciando um filme de Jonah Hex para esta semana. Quem sabe, essas notícias sejam o início de uma reviravolta no mundo das HQs e do cinema, e muitos dos nossos queridos heróis estejam de volta?

As edições do Dâmaso foram primeiramente distribuídas por ele e, depois, de 1993 até 2000, por mim. Infelizmente tanto ele quanto eu não temos mais condições de prestar este serviço.



PUBLICAÇÕES ALEMÃS

Luciano Freiburger me mandou mais um lote de revistas e fanzines alemães. Destaque para três números da revista “Comicaize”, revista de conteúdo claramente alternativo, mas com produção gráfica de primeira qualidade. Uma das edições foi feita especialmente para comemorar os 850 anos da cidade de Munique, com todas as HQs tratando do assunto. Nunca é demais salientar a revista de distribuição gratuita trazendo grandes extratos de álbuns de quadrinhos comerciais (às vezes, um álbum inteiro), desta vez dedicada ao “Gato do Rabino”. Serviu também para saber que a série na Alemanha já tem 5 álbuns publicados, enquanto que no Brasil saiu até o segundo. Outra edição interessante foi uma revista de 16 páginas com o personagem Dampyr, da Bonelli, que já teve publicação no Brasil. Interessante, por dois motivos. Primeiro é que não deu para saber se esta revista é só um preview de algum lançamento futuro, ou se a edição alemã destrinchou as longas histórias bonellianas de 100 páginas em capítulos de 16 páginas. Segundo, com um formato semelhante ao original italiano e uma impressão em preto e branco de qualidade, a apreciação dos desenhos é outra coisa, ou seja, dá uma coça bem dada na Mythos.



Obrigado pelo endereço do filho do Lucchetti. Não sei se vai resultar. O problema principal é que mesmo vocês, estudiosos (do mesmo modo como nós), não sabemos a maior parte das vezes em que número termina esta ou aquela coleção. Acontece, por exemplo, com os livros e revistas policiais brasileiras. Uma vez o Lucchetti pai deu-me a indicação de que a revista brasileira “Sherlock” terminava no nº 8. Fui ver à minha coleção e eu tinha o 9... Os “X-9” também não coincidiam, etc. Será sempre uma luta titânica e umas lides intermináveis... mas havemos de lá chegar.

Já recebi o seu novo “QI” e como do costume e independente dos parabéns por mais um trabalho bem feito, não quero deixar de fazer algumas observações construtivas, claro está. Todos os temas são interessantes e as informações também. Em relação a Caprioli, devo acrescentar que as histórias deste autor italiano fabuloso, publicadas em Portugal na revista “Cavaleiro Andante”, embora não tivessem a qualidade de impressão que hoje poderemos contemplar nas edições italianas, a impressão daquela revista não era má de todo. Quanto ao João Tymbira, e como o amigo Edgard disse e muito bem, não era vergonha para ninguém, quando um autor copiava ou se baseava num outro trabalho de um desenhador já famoso. Temos centenas desses exemplos. Há sempre alguém a influenciar alguém. Os nossos desenhadores portugueses, aqueles que deram os primeiros passos na revista “O Mosquito” nos anos 1940, tais como Eduardo Teixeira Coelho, Jayme Cortez (que emigraria para São Paulo e aí no Brasil viveria desde o final da Guerra até morrer em 1987), Vitor Péon, José Garcês, José Ruy, António Barata e outros menos conhecidos, os estilos preferidos eram os de Alex Raymond e Hal Foster. De todos eles, há um que quase poderemos afirmar que não teria aprendizagem ou não copiaria ninguém... é o caso de Eduardo Teixeira Coelho. O seu estilo era nato e de uma beleza ímpar e tinha uma particularidade difícil de encontrar num desenhador. Era completo nos seus traços, tanto desenhava a anatomia humana como a de animais (trabalhava com modelos no primeiro caso e perdeu hora no Zoo a desenhar animais). Como exemplo disso, mando-lhe a capa do nº 360 (1942) de “O Mosquito”, que é precisamente o seu primeiro trabalho para a revista. Tinha 23 anos. No que respeita às publicações alemãs, tenho que admitir que o panorama de Banda Desenhada na Alemanha melhorou muito, pois lembro-me de ir lá por três vezes (Berlim, Colónia, Frankfurt, Munique e a linda cidade de Dresden total e ingloriamente bombardeada pelos aliados, já que foi totalmente recuperada) e nunca encontrei algum material que enchesse o olho. Mas temos que admitir que a 9ª Arte, apesar de altos e baixos, tem vindo a afirmar-se em alguns países europeus que antigamente não a consideravam como leitura. Continuo a gostar dos seus desenhos. Foi um excelente brinde o seu trabalho ‘Um Conto de Natal’. De vez em quando o amigo Edgard surpreende-nos com uma singela oferta, muito modesta, mas rica na sua mensagem. E esta é uma verdadeira mensagem de Natal. No que respeita a ‘Mistérios do Colecionismo’, é sempre um assunto que me agrada, pela dificuldade que às vezes tenho em saber se as minhas coleções brasileiras estão ou não completas. Quanto à metátese da leitura, realmente é um tema apaixonante, que acontece a muitos, principalmente àqueles que querem ler (devorar textos), numa ânsia de adquirir conhecimentos ou aos que querem expressar-se muito rapidamente e acabam por trocar as sílabas.

Um desenho detalhista como o de Caprioli perde muito com a impressão. É muito mais prejudicado do que os desenhos de Caniff, por exemplo, com seus traços grossos. Quando vi as amostras das páginas de Caprioli na edição publicada pela C. M. de Moura, tentei adquirir as edições portuguesas que eu ainda não tinha, baseado na lista publicada na própria edição. Antes da década de 1970, não tenho quase nada. Consegui cinco números de “Álbum do Cavaleiro Andante”. Mas depois de ver a qualidade possível, mostrada na referida edição, não dá para ler como saiu no “Cavaleiro Andante”. Tanto que desisti de adquirir as edições normais dessa revista com HQs de Caprioli.

29º ANGELO AGOSTINI

Informações retiradas do blog da AQC-ESP
www.aqcesp.blogspot.com

Saiu o resultado da votação para o 29º Troféu Angelo Agostini. Este ano, graças a Fernando dos Santos, a cédula de votação foi colocada on-line no blog da Associação. Esta foi certamente a eleição com a maior participação da história do prêmio. Prova que o pessoal estava mobilizado em suas campanhas e que os premiados estavam bem cotados pelo público leitor de Quadrinhos e Cartuns do Brasil.

O evento será no dia **2 de fevereiro de 2013**, no **Memorial da América Latina**, em São Paulo, a partir das **14h**, no Anexo dos Congressistas, situado na Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, Barra Funda, São Paulo, SP (próximo ao Metrô Barra Funda).

PREMIAÇÃO:

Desenhista: **Danilo Beyruth**
Roteirista: **Petra Leão**
Cartunista: **Jean Galvão**
Lançamento: **“O Astronauta, Magnetar” (Panini)**
Lanç. Indep.: **“Last RPG Fantasy”**
Jayme Cortez: **Gibicon Curitiba**
Fanzine: **“Quadrante Sul” (RS)**
Mestres: **Marcos Maldonado**
Júlio Emilio Braz
Jô Fevereiro

PROGRAMAÇÃO:

13h30 Abertura do espaço Banca da Comix e Exposição ‘Trapalhões Estúdio Ely Barbosa’.
14h Abertura da solenidade com João Batista de Andrade (Presidente do Memorial) e Gonçalo Jr. (Gerente de Comunicação do Memorial).
14h30 Mesa redonda ‘Os Quadrinhos dos Trapalhões no Estúdio Ely Barbosa’ com Otávio Barbosa, Eduardo Vetillo, Bira Dantas, Alexandre Silva e Cidão Norberto.
16h Novidades nos Quadrinhos.
16h30 Início da Premiação.
18h Confraternização geral da Exposição.



100 VEZES AQC

Só temos mais Nove vagas no “100 Vezes AQC”.



O livro está quase fechado. Já temos a arte de 91 desenhistas e 7 roteiristas. Nossos artistas são os seguintes:

Marcelo Saravá – Leonardo Santana – Antonio Eder
Daniel Barraco – Jean Okada – Carlos Brandino
Floreal de Andrade – Edu Mendes – Aldo Maes dos Anjos
Bira Dantas – Marcos Venceslau – Eder Santos
William MR – Arthur Filho – Cleuber Cristiano
Edgard Guimarães – Nickel – Aleph
Gilmar – Júlio Shimamoto – Paulo Alves
Sergio Morettini – Daniel Linhares – Rice Araújo
Diogo Salles – Juliano – Fernando Gonsales
Aurélio – Morgani – T. Zuba
Henrique Magalhães – Wanderley Felipe – Rodrigo Costa
Mario Cau – Júlio Magalhães – Dennis Rodrigo Oliveira
Diamantino da Silva – Antonio Cedraz
Juliano Custódio – Dario – Vania Machado
Bernardo Aurélio – Décio Ramirez – Matheus Moura
Primaggio – Rogerio Faria – Julius Ckvalheiyro
Amaro Braga – Fabio Guimarães – Renato Hack
Al Ferreira – Batata – Fabio Q
Rogério Brandão – Rafael Grasel – Mickken Gonçalves
Edenilson Fabricio da Silva – Walkir Fernandes
Elton Carlos R. de Almeida – Elton Takumi Kawamorita
Vinicius Rodrigues – Fabiana Menassi – Thina Curtis
Juliano Oliveira – Juliano Olaff – Edmundo Rodrigues
Junior Alves Dutrelo – Jefferson Ferreira dos Santos
Diogo Dornelles – Ricardo Manhães – Gilton Fonseca
Salvador Messina – Everton Soares Cosme
Cival Einstein – Gazy Andraus – Jô Fevereiro
Joás Dias de Lima – Wellington Santos
Roberto Hollanda – Perkins T Moreira
Josival da Fonseca Silva – Francisco Vilachá
Johan Lager – Lexy Soares – Fernando dos Santos
Mancini Jr. – Vags – Ernani Rodrigues Cousandier
Anita Costa Prado – Ronaldo Mendes – Savio
Francisco APS – Novaes – James Becerra
Ideraldo – José Maria Gonçalves Alves
Denis Mello – Marcio Baraldi

O convite continua aberto a todos os interessados (uma HQ de uma página, em preto e branco), mas falta muito pouco para fechar a edição. Lembramos que fizemos uma alteração nas condições de participação: vamos solicitar que cada autor envie o valor de R\$ 5,00 para a embalagem e despesas postais, para que cada um receba seu exemplar.

Opine, participe e não perca a oportunidade de integrar o time da AQC-ESP!

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

A REVISTA “PESQUINHA”, DEDICADA AOS PESCADORES MIRINS

Os quadrinhos podem ser um bom esteio para outras publicações (ajudando a vender a publicação principal) ou podem surgir como complemento de revistas variadas (e ganhar identidade própria de acordo com a aceitação do público alvo). Um bom exemplo dessa situação editorial é a revista “Pesquinha” da Zillig Editora.

A editora publica a revista “Troféu Pesca” e o anuário “Bíblia do Pescador”, direcionados aos pescadores profissionais e amadores. Tendo como diretores Marcos e Mateus Zillig, a editora tem uma grande tradição no ramo, tanto que o carro-chefe da empresa, “Troféu Pesca”, é publicado há mais de 30 anos.

Em 1994, o editor Oswaldo Faustino percebeu o crescimento do público infantil e adolescente que praticava a pesca esportiva e resolveu investir numa publicação específica. Assim surgiu a revista “Pesquinha”, que tinha como chamada “o 1º gibi brasileiro dedicado aos pescadores mirins”. Com criação e produção de Maurício Morini, foi criado o universo do personagem: um garoto muito esperto e ativo que tem como passatempo mais importante a pesca.

A estratégia da editora foi interessante: publicou o primeiro número da revista como encarte da revista “Troféu Pesca” 180, em abril de 1994. Lançou também o ‘Clube do Pesquinha’, onde o participante enviava uma foto 3x4 e ganhava uma carteirinha e recebia promoções e surpresas. O resultado foi positivo para apresentar o personagem e para lançar a revista nas bancas de jornais. Tanto que em julho do mesmo ano saiu o segundo número

de “Pesquinha”, que ficou independente da revista-mãe, ganhando mais páginas. Com publicidade da Adams (chicletes Bubbalo e Mini Chiclets), escovas de dentes Pro Kids e loja Mabel e até do programa infantil de TV “Tudo por Brinquedo” da TV CNT, com a apresentadora Mariane (que deveria apresentar a revista no vídeo).

O quadrinhista Maurício Morini fazia tudo na revista: criação, roteiro, desenhos, arte-final, capas, ilustrações, passatempos, anúncios, cores e diagramação. Seu traço era muito solto, bonito e um trabalho muito bom na composição das páginas, com enquadramentos, onomatopeias e balões diferentes e pulsando em cada página, de acordo com a ação da história. A revista tinha, além dos passatempos (todos relacionados à pescaria), uma página chamada ‘As Histórias do Tio Val’ apresentando um velho pescador relatando histórias curiosas e uma seção sobre peixes, natureza e pesca chamada ‘Você Sabia Que...’. O ‘Clube do Pesquinha’ publicava a foto com nome, idade e cidade dos jovens sócios e, a partir do terceiro número, uma seção de correspondência e até histórias das crianças na coluna ‘Minha História’.

Curiosamente a revista nº 3 reduziu seu preço de capa! Foi de R\$ 1,50 para R\$ 1,00, mantendo a quantidade de páginas. Certamente uma forma de popularizar a revista. Mas parece que “Pesquinha” não atingiu as vendagens desejadas e encerrou sua história no nº 3, que saiu em setembro de 1994 e que tinha duas páginas desenhadas por Paulo José, com ‘Dicas do Bubbalo’, ensinando como dar o nó nas iscas das varas de pesca.

Creio que a empresa fez uma experiência editorial e quando o resultado financeiro não convenceu, resolveu não continuar, apesar da qualidade do produto.

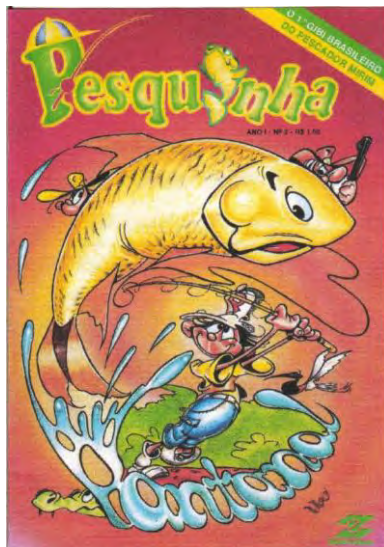
“Pesquinha” nº 1 (16,5x25,5cm, papel jornal, 36 pág., colorido, lombada canoa, abril/1994).

HQs: ‘O Gênio da Garrafa’ – Pesquinha não fez a lição e resolve faltar na escola e foi pescar, mas seu anzol enrosca numa garrafa que tem dentro, não um gênio!, mas um vagalume chamado Piri-Piri, que será seu companheiro nas próximas aventuras e que também satisfaz os desejos de seu amo; ‘A Surpresa’ – Pesquinha inventa uma isca nova, em forma de caixa, para surpreender um peixe gigante chamado Capitão Tucuna.



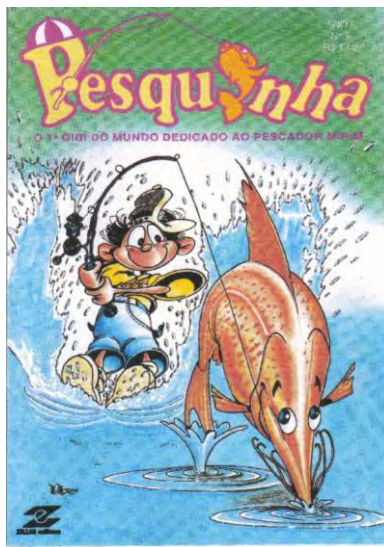
“Pesquinha” nº 2 (16,5x24cm, papel jornal, 52 pág., lombada canoa, R\$ 1,50, julho/1994).

HQs: ‘A Viagem Para...’ – Pesquinha se comporta muito bem e recebe o desejo de viajar para o Pantanal; ‘Pantanal’ – Pesquinha faz a sonhada viagem para pescar seu primeiro Dourado, onde encontra Zé Pantaneiro e acaba se metendo numa grande aventura para salvar um filhote de jacaré de um caçador; ‘Rojão em Bola Fora’ – a HQ apresenta um novo personagem e sua pescaria desastrada.



“Pesquinha” nº 3 (16,5x24cm, papel jornal, 52 pág., lombada canoa, R\$ 1,00, setembro/1994).

HQs: ‘Passatempo’ (roteiros de Maurício Morini e Oswaldo Faustino, desenhos de Morini e auxílio de Roberto Couto de Magalhães) – Pesquinha e Piri-Piri viajam para o passado e encontram, na cidade de Piracicaba, em 1940, com seu avô (Sabiá) e sua avó (Sarah Cura) quando os dois eram garotos; ‘O Pescador Aéreo’ – Pesquinha dribla a grande quantidade de concorrentes e vai pescar com uma pipa!



WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

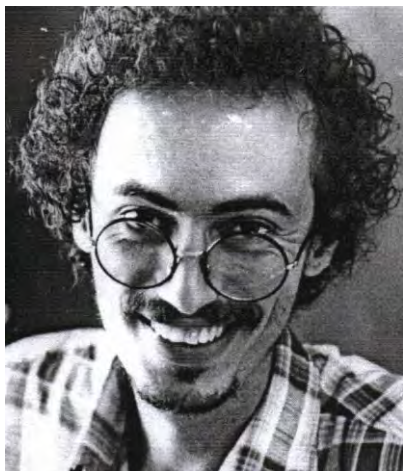
Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

GUTENBERG CRUZ

Gutenberg Cruz Andrade nasceu em 3 de abril de 1954 em Salvador, BA. Jornalista, pesquisador, autor de 4 livros.

No dia 25 de setembro de 1968, a Bahia começou a participar do movimento em prol das Histórias em Quadrinhos com a fundação do Clube da Editora Juvenil, assim denominado em homenagem aos primeiros gibis juvenis. Alguns jovens resolveram difundir o hábito de ler e analisar os quadrinhos no Brasil e lançaram suas pesquisas no boletim informativo “Na Era dos Quadrinhos”. Foram publicados 37 números mensalmente: de julho de 1970 a julho de 1973, na sua primeira fase em mimeógrafo. Teve uma edição especial dedicada ao desenhista Alex Raymond, criador de Flash Gordon.



Além do fanzine, outra atividade do Clube era realizar exposições e ministrar palestras em diversos locais da cidade (Salvador). Em 1970 é mostrada a I Exposição de Histórias em Quadrinhos do Norte e Nordeste, no salão nobre do ICEIA. O tema abordado foi a importância dos quadrinhos. No ano seguinte, outra exposição, na Biblioteca Central do Estado, com uma mostra bem mais ampla do que a anterior e teve como tema os quadrinhos no mundo. Quadrinhos no Brasil foi o tema da Expo Quadrinhos 73 na galeria da Biblioteca Central do Estado. Palestras, aulas, cursos, além de levar as exposições para outras cidades foram as principais ações do Clube da Editora Juvenil.

Em 1977 é relançado o fanzine “Na Era dos Quadrinhos”, desta vez impresso em off-set, que só durou cinco números (de janeiro a maio). Lutar pela colocação do quadrinho baiano no mercado, desenvolver a criação de histórias em quadrinhos em Salvador, e fazer uma avaliação das HQs feitas até aquela época foram os objetivos principais do periódico, que serviu de estímulo aos criadores, visando ao desenvolvimento da consciência quadrinhográfica.

O “Na Era”, único fanzine que tratava exclusivamente de quadrinhos na Bahia, procurava abordar todas as questões referentes

às HQs. Isso acabou disseminando discussões e até o aparecimento de outros zines. Anos mais tarde, alguns jovens que participaram do Clube resolveram lançar seus próprios fanzines como o “Focalizando os Quadrinhos”, editado por Jorge Antônio Ramos, do Clube Bahiano Editorial Juvenil, e Aimar Aguiar com “Nostalgia dos Quadrinhos”.

ESTUDO – O principal motivo de escrever um fanzine era explorar mais o estudo sobre quadrinhos numa época em que muitos desprezavam e/ou liam escondidos. Não era de bom tom dizer que gostava de ler gibi, “coisa de criança”. Naquele tempo ninguém estudava esse assunto na Bahia. As revistas da Editora Brasil América Ltda (Ebal) circulavam em todo o país e tinham boas tiragens. O mestre Adolfo Aizen abria espaço nas contracapas das revistas para divulgar cartas e artigos dos leitores. O nosso “Na Era dos Quadrinhos” era divulgado não só nas revistas da Ebal, como em todos os jornais de Salvador. A cada dia recebíamos mais cartas de leitores interessados. E foi com esse processo que o fanzine chegou até as mãos de Umberto Eco, na época um simples professor italiano interessado no estudo dos quadrinhos. A publicação contava em suas páginas com as últimas novidades do que acontecia no mercado brasileiro e até dos Estados Unidos e França – onde tínhamos leitores e correspondentes. “Na Era” perseguia a novidade, o furo jornalístico, com entrevistas e artigos exclusivos. Contávamos também com textos exclusivos de Otacílio Barros, que trabalhava na Ebal e sabia tudo o que acontecia no mundo dos Quadrinhos. Ota mais tarde publicou a “Mad”, abriu espaço para muitos desenhistas brasileiros e publica sua tira em revista e página na internet.

Enviávamos o fanzine para todos os interessados em quadrinhos. Com formato ofício, doze páginas mimeografadas a álcool, conseguimos passar nossa mensagem de leitor atento no que diz respeito à ideologia dos gibis. A distribuição era por meio de correio (80%) e venda direta nas exposições e paletas (20%). Para outros editores de fanzines fazíamos a troca.

Foi com o “Na Era” que surgiram as primeiras manifestações conscientes no sentido de se construir HQ autenticamente nacional – e popular. O quadrinho baiano tomou fôlego com o surgimento do tabloide “A Coisa”, da “Tribuna da Bahia”. “A Coisa” foi um seguimento natural do “Na Era”. Em pouco tempo o suplemento revelou novos cartunistas e desenhistas de quadrinhos. Surgiu em agosto de 1975, enfrentando diversos problemas com a censura e, por motivos internos do jornal, “A Coisa” foi reduzida a uma página até sumir, em março de 1976.

“A Coisa” surgiu no dia 8 de agosto de 1975. Durante a semana que antecedeu o lançamento, saíram chamadas na primeira página do jornal “Tribuna da Bahia” anunciando a chegada do suplemento. A primeira chamada teve problemas com a censura. O diagramador colocou ao lado da notícia que anunciava o pronunciamento em cadeia de rádio e tevê que seria feito pelo Presidente Ernesto Geisel, um desenho anunciando “A Coisa”. Esse desenho, feito por Lage, era um vaso sanitário de onde saía um balão com os dizeres “a coisa vem aí” e utilizava onomatopeia para produzir o barulho da descarga, “splosh!”. Isso foi o suficiente para que os censores de plantão acusassem o jornal de estar desacatando o Presidente. Os jornalistas foram chamados para depor, a fim de esclarecer o episódio.

Mesmo depois deste incidente, a direção do jornal deu total liberdade à equipe do suplemento. Por motivos econômicos, a partir do número 26 a direção da “Tribuna da Bahia” decide acabar com o suplemento. “A Coisa” foi reduzida para uma página, passando a ser publicada nas edições de sexta-feira do jornal, antes de desaparecer totalmente. Sairam 32 números, com muito humor, quadrinhos e informações. Durou oito meses, tempo suficiente para a reunião dos cartunistas e discussão de novas ideias e projetos. Em junho surgiu o nanico “Coisa Nostra”, com texto, cartuns e quadrinhos. “O importante – diziam os editores – é que o riso não fique na boca. Ele tem que dar uma chegadoinha na consciência”. “Coisa Nostra” durou apenas quatro números. É nesse período que o Clube da Editora Juvenil, já com o nome de Centro de Pesquisa de Comunicação de Massa, realiza no Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA) a exposição Quadrinhos Baianos com o objetivo de proporcionar uma maior visão do desenho gráfico baiano, suas tendências e estilo.

INCENTIVO – Em 1977 relançamos o “Na Era dos Quadrinhos”, desta vez impresso em off-set, mas que só durou cinco números. Em uma das edições premiamos o desenhista de São Paulo, Eduardo Carlos Pereira, pela criação de diversos personagens como Praça Atrapalhado, Dr. Estripa e outros publicados pela editora Super Plá. O prêmio era para incentivar o artista e despertar o editor para o quadrinho feito no Brasil.

Depois de passar grande parte de sua existência carregando e sendo carregado por produtos, isto é, ajudando não só a vender jornais e revistas, mas também anúncios, o humor gráfico baiano deu, em 1978, um passo importante para se impor sozinho no mercado: invadiu as paredes de uma galeria de arte, a Eucatexpo, para espalhar cerca de 54 quadros. A escolha de uma galeria de arte não foi por acaso. Ela significou, como os próprios organizadores admitiram, que o produto humor já possuía um mercado diversificado, atingindo as camadas extremas – fenômeno raro no Brasil quando se tratam de bens de consumo cultural, porque estes ou só têm um objetivo comercial (e aí atingem a grande massa, como os programas de televisão), ou só têm uma proposta cultural, como o livro, e atingem camadas sociais numericamente reduzidas. O sucesso dessa exposição tem também um outro significado, porque reforça uma luta que vem sendo travada há vários anos no sentido de dar ao grafismo status e autonomia em relação aos veículos de comunicação (principalmente jornais e revistas) a que sempre esteve subordinado. Em suma, livre existência. O principal objetivo do Salão de Humor: Ria, É uma Ordem! foi unir os cartunistas baianos e, através dessa união, fazer um trabalho mais constante e sólido. A mostra homenageou os dez anos de criação do Centro de Pesquisa de Comunicação de Massa. O final da década de 1970 e início da de 1980 viu editados os livros de Caó (“O Porco com Cauda de Pavão”), Nildão (“Me Segura que Eu Vou Dar um Traço”) e Paulo Serra (“Mero, na Luta Ecológica”).

O Centro de Pesquisa de Comunicação de Massa, preparando estudos sobre quadrinhos, sua linguagem e importância, influenciou bastante a imprensa baiana a ponto de levar o tradicional jornal “A Tarde”, que antes só publicava HQ estrangeira, a abrir suas páginas aos nossos quadrinhos. Não só “A Tarde”, mas a “Tribuna da Bahia”, “Jornal da Bahia”, “Jornal de Salvador” e “O Mensageiro”. Todos começaram a se interessar um pouco mais pelos nossos quadrinhos.

DESENHISTAS – Cedraz (Lúbio, Bola), Dilson Midlej (Niquita), Setúbal (Argemiro), Romilson Lopes (Nego e Nega), Carlos França (Bacuri), Sebas (Juá), Péricles Calafange (Bartira) foram alguns desenhistas que surgiram no movimento liderado pelo nosso clube e foram se juntar a Paulo Serra, J. Mendes, Menandro Ramos, Caó, Zé Vieira, Robério Cordeiro, Ada Brito, Luis Simas. Além do poema processo de Almandrade, do desenho animado de Chico Liberato, o realismo fantástico nos quadros de Juezar Paraíso e Edsoleida Santos, as tiras criativas de Lage (L’amu Tuju Lamu, Ânisa de Amar), Nildão (Guga e Paschoal, Os Bichins), Lessa (Buteco Teco) e o grafismo de Carlos Ferraz, Jorge Silva, Helson Ramos e Aps. Esse elevado número de desenhistas entre nós demonstrava o interesse pelas novas formas de arte: no cinema, na fotografia, na música, no poema. O grafismo dessa fase começou com a busca de uma produção independente, para mais livremente exporem suas ideias.

Além das palestras, cursos, exposições, comecei a escrever uma coluna semanal de críticas sobre quadrinhos no jornal “A Tarde” (“Quadrinhos em Foco”, julho de 1970 a março de 1972). De 1977 a 78, assinei a coluna “Os Quadrinhos em Estudo” no jornal “A Tarde”. Em meados da década de 1980, publiquei uma coluna diária, “Cronologia das HQs”, no “Correio da Bahia”. Depois de publicar diversos artigos sobre quadrinhos, cartuns e cinema no “Jornal de Salvador”, “Notícias da Bahia”, “Diário Oficial”, revista “Quatro Cantos” e “Revista da Bahia”, entre outras, passei a escrever a coluna “Quadrinhos” na “Tribuna da Bahia” de 1989 a 1991. De 1993 a 95, escrevi a coluna semanal “Quadrinhos” no “Bahia Hoje”. Inclusive recebi um prêmio, Troféu Crítico do Ano, no 4º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos, na cidade mineira de Araxá, em 1991, e fui citado entre os estudiosos de quadrinhos no Brasil no livro “Comics Strip”, da Graphis Press, Zurich, 1972. Muitos pensam que a HQ seja uma arte fácil. Saber ler (decifrar) não é saber compreender (analisar). É preciso mudar o olhar que os jovens lançam à HQ, a fim de que eles mesmos não venham a considerá-la uma subliteratura. O quadrinho não é uma obra condensada para leitores apressados. Ele se presta a essa educação do olhar. Distinguimos entre escutar e ouvir, devemos também distinguir entre ver e olhar, ler e observar.

Além de mimeografar as doze páginas da edição mensal de “Na Era dos Quadrinhos” com uma tiragem inicial de 500 exemplares, e mais tarde ampliando para mil exemplares, o maior problema, além do custo de papel, álcool e papel do mimeógrafo, é que tínhamos que colorir folha por folha. Sim, nosso fanzine era a cores e isso custava todos os nossos fins de semana colorindo as folhas com tinta anilina. Um trabalho, para muitos, de louco, mas era a nossa felicidade naquela época. Dava prazer ver a edição pronta, sem atraso. Mensalmente estava nas mãos dos leitores interessados em saber um pouco mais do que acontece no mundo dos quadrinhos.

BOOM – Quando o “Na Era” foi editado, quase não existiam artistas sobre o assunto na cidade. Eram poucos os que acreditavam na HQ no campo da arte e/ou comunicação de massa. Todos os debates realizados no sul do país sobre a questão da arte sequeciada quase não chegavam a Salvador. A informação era precária, ainda por cima havia o preconceito contra os gibis. Muitos me tacharam de “louco” e “infantil” por estudar e pesquisar HQ, “coisa de criança” para eles. Hoje esse assunto está superado. Quadrinho é visto como veículo de cultura de massa e é estudado em Universidades, mesmo assim, para se editar um fanzine, existem os problemas de custo ou mesmo de qualidade de produção. Lage, Setúbal e Valtério editaram a revista “Pau-de-Sebo” e sentiram dificuldades na hora de fechar a edição por falta de material de qualidade, ou seja, boas HQs e cartuns de nível. Onde estão os novos autores? Fugiram da luta? Muitos deles, desanimados, foram procurar abrigo na publicidade para sobreviverem.

O Brasil viveu o boom dos fanzines em meados dos anos 1980 devido a uma mudança de comportamento dos editores das grandes editoras. Descobriu-se (tarde) que o público adulto é o grande consumidor e, a partir daí, as bancas foram invadidas pelos quadrinhos de luxo (minissérie, graphic novel), coisas que já aconteciam na Europa há muito tempo. Esse fenômeno reativou muitos fãs de quadrinhos a discutir e analisar o assunto através dos fanzines, uma vez que a grande imprensa abria suas páginas para colunas de HQ com outros enfoques. O quadrinho tornava-se complexo em suas temáticas, saindo do enredo simplista e/ou maniqueísta para questionar os valores humanos em suas diversas vertentes.

Os fanzines retornaram com força também em Salvador com o jovem Gonçalo Júnior lançando o “Quadrinho Magazine” e, mais tarde, o “Balloon”. Essa mudança de visão do público alvo, o adulto, essa ampliação de mercado, houve necessidade de reivindicação dos leitores e o fanzine foi uma coisa fundamental. Com o Plano Collor, muitos bons lançamentos foram adiados e outros cancelados. Mas os desenhistas e roteiristas não pararam. Uma boa parte da nova HQ produzida no país está surgindo nos fanzines. Canal de expressão de quem tem algo a dizer o que não pode ser publicado pelos meios convencionais, oficiais, o fanzine tem papel relevante na difusão de ideias contrárias às do establishment. Publicação alternativa, rebelde, sincera, energética e bem informada, é o que se espera de um fanzine.

A falta de reconhecimento da profissão de quadrinhista, a pouca união entre desenhistas, o pequeno mercado de trabalho, a falta de apoio das grandes empresas e, principalmente, a concorrência estrangeira, são os principais problemas dos nossos desenhistas e argumentistas. Soma-se a isso um estreito e aviltado mercado de trabalho que não permite ao desenhista viver de sua produção artística, exigindo que busquem ocupações em outras áreas. Tem ainda o problema da autocensura, que atuando a nível interno, na esfera da repressão e do medo, embota a criação artística, desmotivando o autor. O fanzine nesse momento surge como estímulo aos novos criadores. Uma alternativa não só para o leitor, mas também para o criador. Um bom exemplo foi o fanzine “Balão” que revelou nomes importantes para o quadrinho brasileiro como Paulo Caruso, Luis Gê, Angeli, Laerte e outros.

RESISTÊNCIA – O quadrinho subterrâneo, marginal, paralelo, clandestino ou underground, embora varie ainda a sua conceituação definidora, tem se manifestado como a participação de resistência a um poder mais forte ou como a contestação dos valores aceitos e estabelecidos com irreverente agressividade. Esse quadrinho publicado em fanzine, na maioria das vezes, é livre para olhar o mundo exterior sem pestanejar e para o mundo interior em moldes complexos e místicos. É livre para ser poético e para ser obscuro. É livre até mesmo para ensandecer. “Risco”, “Vírus”, “A Mosca”, “Boca”, “Roleta”, “Maturi”, “Meia Sola”, “Quadrecia”, “Na Era”, entre outros, vieram juntar-se a cada vez mais numerosa trupe de underground que aparece hoje nas universidades e outros locais.

Uma das falhas no trabalho de quadrinhos para fanzine é a precariedade do material utilizado ou o não aprofundamento da temática. Nossos criadores procuram um maior relacionamento com a realidade social, o que é muito bom, mas, muitas vezes não se aprofundam, fazem a crítica superficial. Outros não trabalham bem o traço, por ser underground, fazem trabalhos toscos, imaturos. Muitos usam e abusam do sexo e violência para chamar a atenção, mas não questionam esses problemas sociais. É um vício que pode ser superado. Quando o desenhista e/ou argumentista tem consciência de sua obra, ele sabe se está evoluindo ou não. Se ele costuma ler muito (jornais, revistas, livros), vai ter uma visão ampla da cultura do país, caso contrário, será um mero repetidor de fórmulas gastas.

O mercado produtor de quadrinhos no Brasil mostra um parque editorial predominantemente ocupado com reprodução de material estrangeiro. Poucas editoras apostam no autor nacional e, mesmo quando o fazem, limitam-se a aplicar naqueles mais consagrados de venda garantida. O nosso quadrinho ainda não viveu o seu melhor momento. Temos ótimos desenhistas e bons argumentistas, precisamos de mais argumentistas. Temos uma produção fanzínica enorme.

A saída está em um maior profissionalismo do autor brasileiro de quadrinhos e na obtenção de maior qualidade da produção nacional. E o principal: espaço, nossos artistas precisam de mais espaço, pois hoje continua ocupado pelos estrangeiros. O leitor de hoje, seja ele de fanzine ou publicação de grandes editoras, não se contenta com qualquer rabisco desajeitado. Ele exige técnica, bom argumento. As minisséries estão aí para provar essa liberdade de criação. O mercado está aberto, há publicações para todos os gostos. Agora, o que é preciso: as empresas acreditarem mais em nossos trabalhos, injetarem verbas publicitárias para manter a publicação nas bancas, livrarias e outros espaços alternativos. É preciso incentivo.

LIVROS – Na Bahia, e em muitos outros estados, o desenho de humor é desprezado como forma artística. A pouca importância dada à obra gráfica vem do preconceito que muitos estudiosos de arte alimentam em relação ao desenho e à gravura. Esses estudiosos só valorizam obras de parede, em vistosas molduras a óleo. A maioria dos grandes nomes da pintura realizou-se primeiro no desenho, na gravura. Resolvi contar um pouco da história do humor gráfico na Bahia. No primeiro livro, independente, enfoquei os trabalhos de Paraguassu, K-Lunga, Tishchenko, Sinézio Alves, Fernando Diniz e Gonzalo Cárcamo. O último capítulo foi dedicado ao ABC dos Quadrinhos, um pequeno dicionário apresentando conceitos básicos do grafismo. Título do livro: “Humor Gráfico na Bahia: O Traço dos Mestres” (1993). No segundo livro, intitulado “Feras do Humor

Baiano” (1997), enfoquei os trabalhos de Lage, Nildão e Setúbal, além de uma homenagem a Adolfo Aizen, da Ebal, e o resgate dos primeiros quadrinhos do século passado na Bahia. Na parte final, cronologia dos jornais de humor na imprensa (1811/1910). Esses dois livros foram premiados em São Paulo com o Troféu HQ Mix.

Fora dessa área, publiquei mais dois livros: “Gente da Bahia” volumes 1 e 2 (1997/98), enfocando as grandes figuras do passado e também os contemporâneos, que, pela sua participação na vida pública baiana, deram o melhor de si mesmos nos diversos campos da atividade humana.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas por Gutemberg Cruz:

- “Na Era dos Quadrinhos” (12 pág., ofício): 1 (jul/1970) a 37 (jul/1973). Impresso em mimeógrafo a álcool.
- “Na Era dos Quadrinhos Especial” (12 pág., ofício). Edição dedicada a Alex Raymond.
- “Coleção Pesquisa HQ” (18 pág., ofício): 1 (1973).



- “A Coisa” (tabloide): 1 (ago/1975) a 32 (mar/1976). Suplemento do jornal “Tribuna da Bahia”.
- “Coisa Nostra”: 1 (jun/1976) a 4. Jornal nanico.
- “Na Era dos Quadrinhos” – 2ª fase (10 pág., 235x330mm): 1 (jan/1977) a 5 (mai/1977). Impresso em off-set.



Livros sobre artes gráficas:

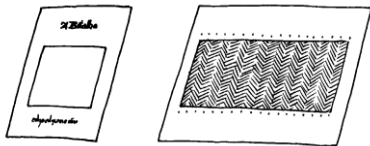
- “Humor Gráfico na Bahia: O Traço dos Mestres” (148 pág., 145x205mm): 1993.
- “Feras do Humor Baiano” (192 pág., 155x210mm): 1997.



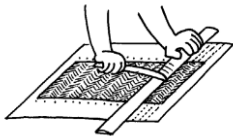
MANUAL DO USUÁRIO

Instruções para montar o Quadro 'A Batalha'

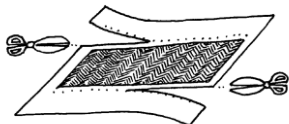
Você está recebendo duas folhas encartadas, uma em papel amarelo, que é a base do Quadro, e outra em papel branco, que é o Quadro, propriamente dito.



Com um instrumento de ponta cega (por exemplo, o lado sem corte de uma faca), faça sulcos verticais no Quadro, usando uma régua orientada pelos pontinhos superiores e inferiores.



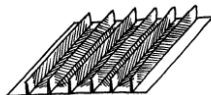
Com régua e estilete (ou com tesoura), corte a sobra de papel acima e abaixo do desenho, de modo que os pontinhos de guia sejam eliminados junto com a sobra de papel.



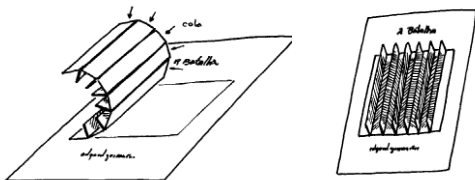
Dobre a folha do Quadro, seguindo os sulcos verticais.



Passa cola, no verso, apenas nas partes necessárias para que o Quadro fique como mostrado abaixo. Use cola de bastão, para não enrugar o papel.



Cole o Quadro na base amarela. Comece colando a partir da esquerda, e vá colando, uma a uma, cada parte do fundo do Quadro.



Finalmente, veja se compensou todo o trabalho e se o resultado serviu para alguma coisa.

Sugestão: quem não tiver confiança na própria habilidade manual, tire xerox das folhas e treine antes de usar folhas fornecidas.

LANÇAMENTO DE LIVRO

Finalmente, aquele selo que criei para lançamentos de edições voltadas às Histórias em Quadrinhos tem um novo lançamento. Trata-se da compilação de todos os depoimentos publicados no "QI" sob o título

Memória do Fanzine Brasileiro

Este é justamente o título do livro.

A edição traz os depoimentos de 23 editores de fanzines, publicados no "QI" a partir do nº 80 de mai/jun/2006 até o nº 122 de jul/ago/2013.

Os editores, cujos depoimentos estão no livro, são:

MÁRCIO COSTA
OSCAR KERN
LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO
ALVIMAR PIRES DOS ANJOS
EMIR LIMA RIBEIRO
DIAMANTINO DA SILVA
JOSÉ MAGNAGO
ROBERTO GUEDES
VALDIR DÁMASO
MARCELO MARAT
PAULO RICARDO
JOACY JAMYS
WALLACE VIANNA
CLAUDIO S. DILLI
DENILSON ROSA DOS REIS
JOSÉ VALCIR
EDSON RONTANI
AIMAR AGUIAR
CLAUDIO RUBIN
GUTEMBERG CRUZ
HENRIQUE MAGALHÃES
GONÇALO SILVA JÚNIOR
FLÁVIO CALAZANS



O livro tem 128 páginas, formato 165x216mm, impressão digital, tiragem limitada, capa em papel cartão e sobrecapa.

Preço: R\$ 20,00 (com o frete incluído).

Quem tiver interesse é só proceder como informado na pág. 2.

EDIÇÕES INDEPENDENTES

	ICFIRE - 95 NESTA EDIÇÃO, AVENTURA INÉDITA COM O PERSONAGEM IMPIÓ DE ASSIS LIMA. POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS E E-MAILS. 24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SE- LOS, OU TROCA. NOV/2012. CHAGAS LIMA, R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.
--	---

QUADRINHOS

ÁLBUM TARZAN * n° 10 * 2012 * 108 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * n° 11 * 2012 * 108 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * n° 12 * 2012 * 108 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ALMANAQUE DE TARZAN 2013 * 2012 * 100 pág.
* 180x270mm * capa color. * R\$ 60,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ARQUIVO * n° 40 * dez/2010 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 *
Denilson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

ÁTOMO * n° 6 * dez/2012 * 16 pág. * A5 * **Ricelle Sullivan
Suad** - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Cambaia - São Luís - MA -
65020-401.

BRUSQUE ONTEM * vol. VII * nov/2012 * 28 pág. * A5
* color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja -
Brusque - SC - 88353-401.

CARTUCHEIRA * 9ª Encontro dos Cartunistas Gaúchos *
nov/2012 * 32 pág. * 155x235mm * capa color. * a/c **Antonio
Pereira Mello** - R. Oscar Henrique Zappe, 212 - B. Itararé - Santa
Maria - RS - 97045-350.

CARTUM * n° 75 * nov/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$
50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento,
758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 4 (2ª ed.) * dez/2012 * 24 pág. * A5 * color. *
Aldo Maes dos Anjos - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque -
SC - 88353-401.

COMICAZE * n° 28 * jun/2012 * 24 pág. * A5 * color. * a/c
Gerd Bonau - Berliner Strabe 9 - Rendsburg - 24768 - Alemanha.

CONTOS DA SELVA DE TARZAN * n° 1 * 2012 *
100 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 60,00 * **Sérgio Luiz
Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ESPOLETA * n° 2 * nov/2012 * 76 pág. * 230x150mm * capa
color. * a/c **Antonio Pereira Mello** - R. Oscar Henrique Zappe, 212 -
B. Itararé - Santa Maria - RS - 97045-350.

FANDWESTERN * Série Matt Marriotti * n° 3 * 2012 * 56
pág. * A4 * capa color. * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FRANK DUTRA * n° 18 * jan/2013 * 8 pág. * A5 * **Frank
Dutra** - Av. Senador Lúcio Bittencourt, 936 - Sapucaia do Sul - RS -
93214-530.

GIBI SEMANAL * estudo sobre a revista "Gibi Semanal",
biografias dos autores, personagens, etc. * 2012 * 378 pág. * A4 *
José Salles - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

HOMEM-CAMALEÃO * n° 13 * dez/2012 * 24 pág. *
A5 * capa color. * R\$ 2,00 * **Ricelle Sullivan Suad** - 2ª Travessa da
Rua Nova, 52 - Cambaia - São Luís - MA - 65020-401.

ICFIRE * n° 95 * nov/2012 * 20 pág. * A5 * capa color. * R\$
4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal
- RN - 59054-440.

JORNAL GRAPHIQ * n° 71 * dez/2012 * 12 pág. *
280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 213 -
Suzano - SP - 08675-970.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 105 * mar/2013 * 44
pág. * A4 * capa color. * R\$ 45,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva**
- R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP -
05640-903.

MUNDO PARALELO * edição preview * nov/2012 * 120
pág. * 210x280mm * capa color. * a/c **Rosemário Souza** - C.P. 4537
- Uberlândia - MG - 38408-971.

ÓI! * n° 1 * jan/2013 * 52 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 *
Rodrigo Costa - Av. Poeta Vinicius de Moraes, 387/302 - Aracaju -
SE - 49037-490.

OMI * n° 91 * dez/2012 * 20 pág. * A5 * **Gerd Bonau** -
Berliner Strabe 9 - Rendsburg - 24768 - Alemanha.

PURE FRUIT * n° 4 * 2012 * 76 pág. * A5 * color. * a/c
Gerd Bonau - Berliner Strabe 9 - Rendsburg - 24768 - Alemanha.

RAIO NEGRO * n° 15 * nov/2012 * 32 pág. * A5 * capa
color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

SOM DAS ÁGUAS * nov/2012 * 8 pág. * A5 * **Matheus
Moura** - Av. Dom Pedro II, Qd.9, Lt.28, c-3 - Jardim Pompeia -
Goiania - GO - 74685-720.

TARZAN * tiras de Russ Manning * n° 9 * 2012 * 52 pág. *
320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R.
Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * tiras de Russ Manning * n° 10 * 2012 * 52 pág. *
320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R.
Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * tiras de Russ Manning * n° 11 * 2012 * 52 pág. *
320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R.
Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * tiras de Russ Manning * n° 12 * 2012 * 52 pág. *
320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R.
Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * páginas coloridas de Hogarth de 1950 * 2012 * 60 pág. * 320x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * páginas coloridas de Manning de 1968 * 2012 * 60 pág. * 320x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

WHITE WING * nº 1 * dez/2012 * 16 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Alex Rogério Veronez** – R. Dr. Pedro Raimundo, 329 – Vila Carmen – São Carlos – SP – 13575-470.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * nº 143 * jan/2013 * 22 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * nº 221 * nov/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * nº 222 * dez/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

ESTA INVOLUNTARIEDADE IMPRÓPRIA * 2012 * 36 pág. * A5 * **Cássio Aquino** – poeta@riseup.net.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BERRO * nº 24 * **W. Bastos** – C. P. 100050 – Niterói – RJ – 24020-971.

O BOÊMIO * nºs 279 * **Eduardo Waack** – R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA ANFB * nº 49/2012 – C.P. 500 – Ag. W3 - 508 Sul – Brasília - DF - 70359-970.

CANÇÃO DESESPERADA * nºs 10 a 13 **Junior Baladeira** – R. Santa Luzia, 196 – Ouricuri – PE – 56200-000.

DE CARA COM A POESIA * nº 58 * **Malungo** – poetamalungo@yahoo.com.br.

DELMIRO GOUVEIA – O VISIONÁRIO DO SERTÃO * **Junior Baladeira** – R. Santa Luzia, 196 – Ouricuri – PE – 56200-000.

DIÁRIO ESPIRITUAL * *psicografado por Leonel Dutra Viana Lopes* – leoneldutraviana@ibest.com.br.

EDUCAR – OLHAR DO CORAÇÃO * **Junior Baladeira** – R. Santa Luzia, 196 – Ouricuri – PE – 56200-000.

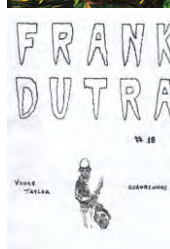
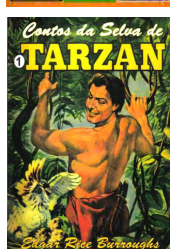
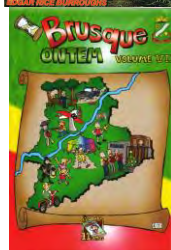
O GARIMPO * nº 90 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

LITERARTE * nº 334 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

PATATIVIA DO ASSARÊ – O POETA SERTANEJO * **Junior Baladeira** – R. Santa Luzia, 196 – Ouricuri – PE – 56200-000.

O SERTÃO NÃO VIROU MAR * **Junior Baladeira** – R. Santa Luzia, 196 – Ouricuri – PE – 56200-000.

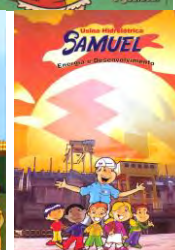
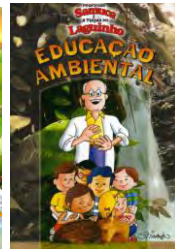
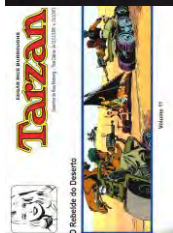
GALERIA DE CAPAS



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Adquiri através da Livraria Cultura, várias revistas da série ‘Professor Samuca e a Turma do Laguiinho’, iniciativa de Samuel Ramos Lago, com personagens idealizados por Ziraldo e com desenhos de Carlos Cesar Salvadori, Ricardo Antonio Gatica e Marcelo de Oliveira, publicação da editora Nossa Cultura. Os títulos das revistas são: ‘Água, Fonte de Vida’, ‘Educação Ambiental’, ‘Lixo e Reciclagem’, ‘Poupar Vale Mais!’, ‘Supermercado Consumo Consciente’, ‘8 Jeitos de Mudar o Mundo’, ‘Vivendo Com Saúde’ volumes 2 e 3. O Governo do Estado de São Paulo e a Sabesp patrocinaram uma tira sobre economia de água, publicada no jornal “O Estado de S. Paulo” de 9/1/2013.

Milton S. Moreira enviou duas revistas em quadrinhos do Programa ‘Fome Zero’ com a Turma do Sítio, “O Que É Obesidade?” e “Alimentação Saudável”, uma cartilha sobre a Penitenciária Federal de Porto Velho, produzida pelo Ministério da Justiça, e um gibi sobre a Usina Hidroelétrica Samuel, produzido pela Eletronorte.



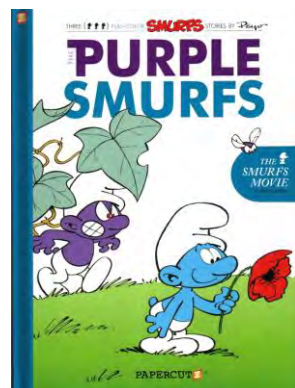
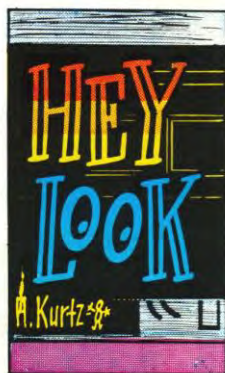
uafisdls?

Edgard Guimarães

Às vezes, a gente vai lendo uma revista de quadrinhos e, de repente, acha umas coisas estranhas. Desta vez, foi num álbum dos Smurfs, de uma coleção lançada recentemente pela editora norte-americana Papercutz. As histórias lançadas até agora eu já tenho nas revistas brasileiras e nos álbuns portugueses, mas como o preço estava razoável, comecei a coleção americana na esperança de que publique histórias inéditas em português. O volume 8 da coleção trouxe a história 'The Smurf Apprentice', que já havia saído no Brasil e em Portugal. Lá pelas tantas, num balãozinho (quadro à esquerda, logo abaixo), achei uma coisinha esquisita. Reconheci a coisinha de cara, mas fiquei em dúvida se era algo presente no original. Como não dava para conferir no original francês ou belga, que não tenho, fui olhar no que eu tinha, a revista brasileira "Os Duendes Strunfs" nº 3, publicada pela Editora Vecchi em agosto de 1975 (quadro do meio), e o álbum português "O Estrumpfê Mágico", publicado pela editora Publica em 1982 (quadro à direita). A coisinha estranha não estava em nenhuma das duas edições.



E o que é, afinal, esta coisinha estranha? A editora norte-americana colocou dentro de um balão, aparentemente sem qualquer motivo especial, uma expressão que remete à obra de Harvey Kurtzman. Aquele 'Hey Look' que aparece no balãozinho, escrito daquela forma, com os dois 'Os' formando dois olhinhos, é o título de uma das HQs mais conhecidas de Kurtzman. A bem da verdade, não sei se se foi só uma HQ com este título ou se foi uma série. Eu só conheço a página que foi publicada no Brasil (pirateada, pelo que se sabe) na revista "Porrada! Special" nº 2, de janeiro de 1990. Agora, o que Kurtzman tem a ver com os Estrunfes de Peyo, eu ainda estou para entender.



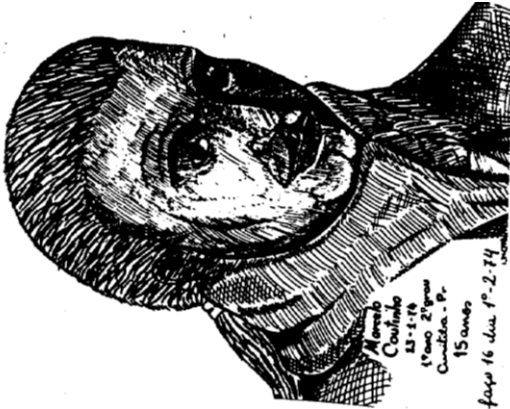
Esta coleção da Papercutz já havia trazido, logo em seu primeiro volume, uma outra coisa notável. O título do livro e da história principal, dado pela editora norte-americana, foi "The Purple Smurfs" ("Os Smurfs Púrpuras"). Esta é a história que foi publicada no Brasil, pela Editora Vecchi, no nº 5 da revista "Os Duendes Strunfs" (out/1975) com o título "Os Strunfs Pretos", e em Portugal, pela editora Publica, em 1980, no álbum "Os Estrumpfês Negros". O nome original, usado pela editora Dupuis no álbum de 1963, foi "Les Schtroumpfs Noirs". No álbum norte-americano, os estrunfes maus não são mais negros, são púrpuras. Imagino que a editora quis evitar qualquer problema com os vigilantes étnicos. Todos os bonequinhos negros originalmente tiveram que ser refeitos (ou recoloridos) na cor púrpura. Não sei dizer se a editora original já fez esta modificação para novas publicações dos personagens em todo o mundo ou se a mudança foi feita somente para a editora norte-americana. Não deixa de ser curiosa essa paranoia com questões pifias, mas que possam ter alguma reação de grupos raciais. Também é curioso que a editora norte-americana DC recentemente lançou uma saga de Lanternas Negras, os malvados, que acabaram derrotados pelos Lanternas Brancos, mas teve o cuidado de não usar as palavras "black" e "white". Os vilões foram Dark Lanterns.

Bem, talvez, só ter colocado o título "The Dark Smurfs" já resolvesse.

Futuros artistas

APRESENTAÇÃO

AMADEU	EDJO	ARONSO	SUZY	OS OTS	RENES	EDMUNDO	JUCA	ROSLINDO
MARCELO	JOSÉ	SUPERMARIUSO	RAPHAEL	PELOMBO	GASPAR	PALTAZAR	MELCHION	etc...

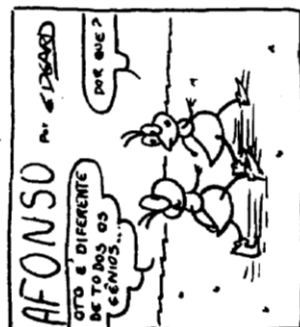
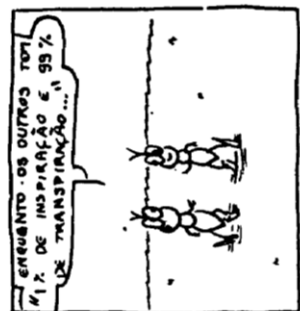
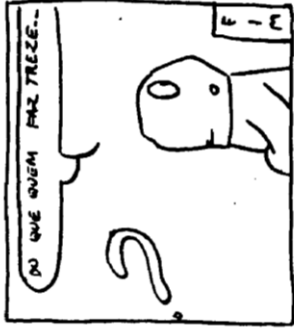


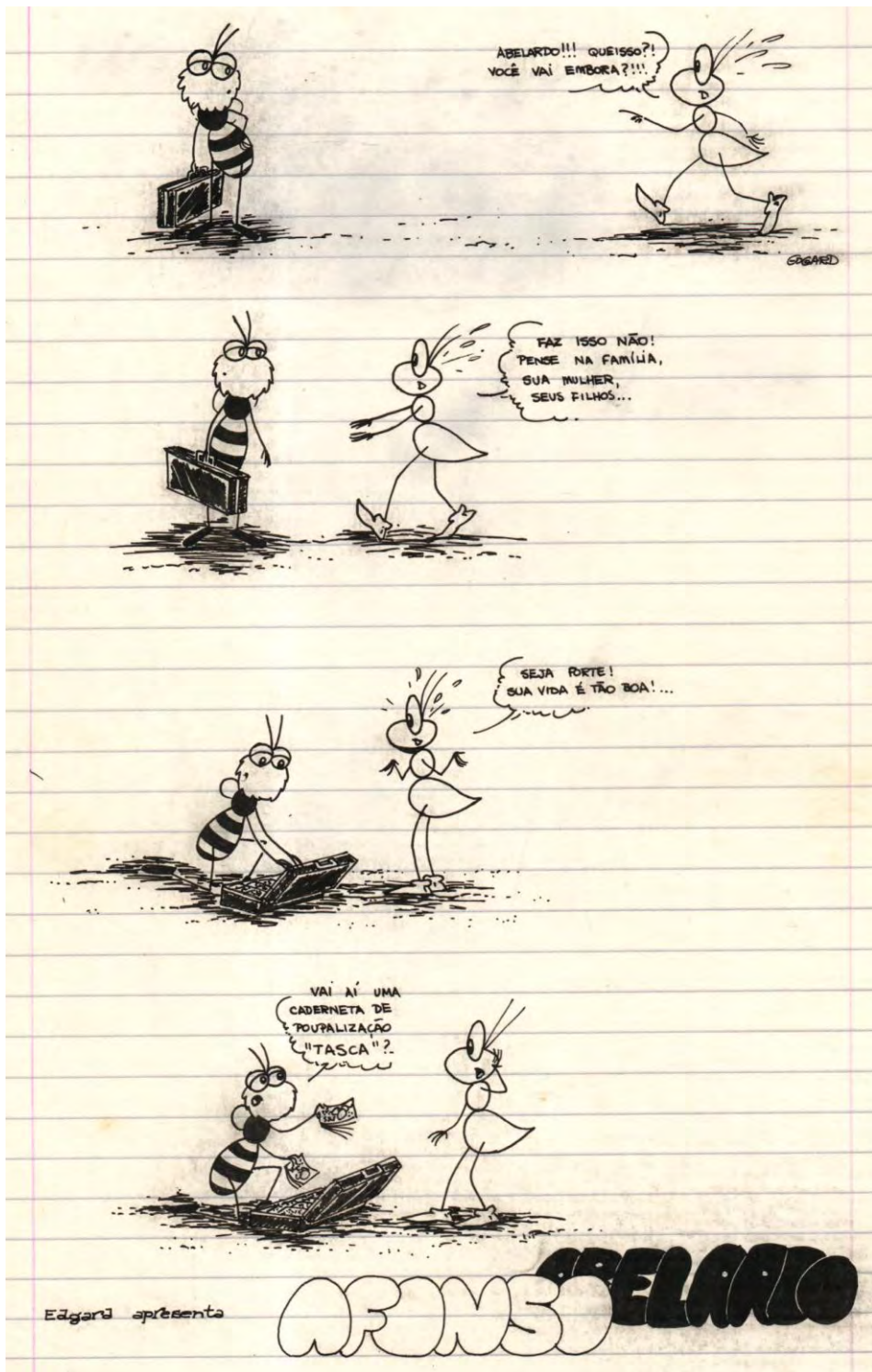
Marcelo Coutinho
12-2-74
1º ano 2ª série
Cidade - P.
15 anos
foto 16 de 1º-2-74

Edgard José de Faria Guimarães, de 14 anos e Marcelo Coutinho, de 16, são dois leitores da FOLHINHA que querem ser desenhistas de histórias em quadrinhos. O Marcelo mandou para ser publicado um rosto bem caprichado; o Edgard visitou a FOLHINHA com sua mãe durante as férias, e trouxe algumas "liras" de suas personagens, a formiga filósofa Afonso e Amadeu.

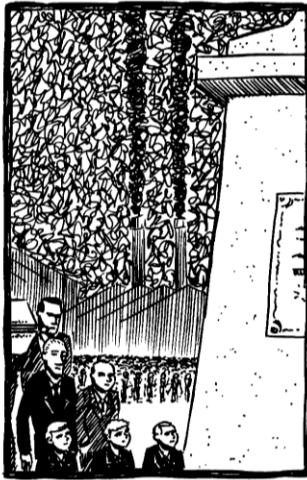
Edgard conta como "criou" o Amadeu: andando pela rua reparou em um racho na calçada. As lixadas formavam quase um rosto e Edgard imediatamente "bolou" o Amadeu. Que é um trapalhão ingênuo mas com muita sorte. Mas Edgard advertiu: Cuidado, Amadeu, algum dia você entra bem!

No ano passado, Edgard formou-se no ginásio do Colégio Estadual Presidente Venceslau, em Brásopolis, sul de Minas Gerais. O convite de formatura foi desenhado pelo Edgard e ficou tão bom que a tipografia que o imprimiu resolveu comprar os clichês para fazer convites de outras turmas. Af estão os desenhos de Marcelo e Edgard: vocês gostaram?





Do Fundo do Baú – HQ feita na última página de um caderno do Curso de Pedagogia, por volta de 1986.



CARAMBA! OLHA SÓ
O TAMANHO DO
MONUMENTO QUE O
TIO RICO MANDOU FAZER
PARA SERVIR DE
TÚMULO!



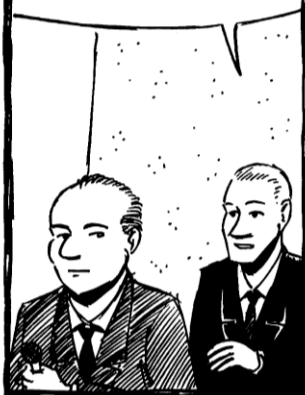
ADIVINHA QUANTO
TEMPO ISSO VAI FICAR
DE PÉ DEPOIS QUE O
TIO RONALDO ASSUMIR?



A CERIMÔNIA ACABOU,
TODOS VOLTEM AO
TRABALHO.



EU GOSTARIA DE DIZER
ALGUMAS PALAVRAS...



NÃO ACHO QUE SEJA
APROPRIADO.



POR GENTILEZA, ASSUMA
O CONTROLE.



ESTA
TODO MUNDO
OUVINDO?

AGRADEÇO A PRESENÇA DE
TODOS E AGORA PODEM IR
PARA CASA, VOCÊS ESTÃO
ENTRANDO EM RECESSO POR
TEMPO INDETERMINADO...



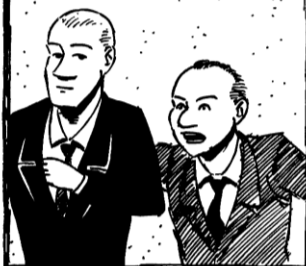
SÓ VOLTEM AO
TRABALHO QUANDO EU
CHAMAR DE VOLTA.



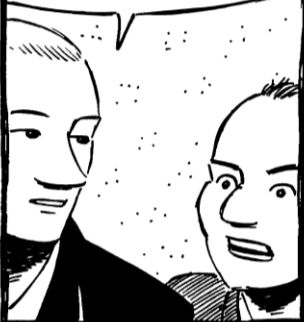
TODOS
ENTENDERAM?



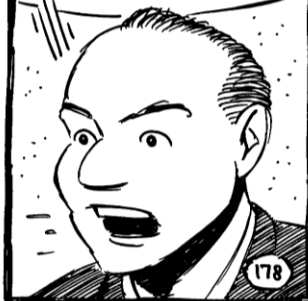
VOCÊ NÃO PODIA
TER FEITO ISSO!!!



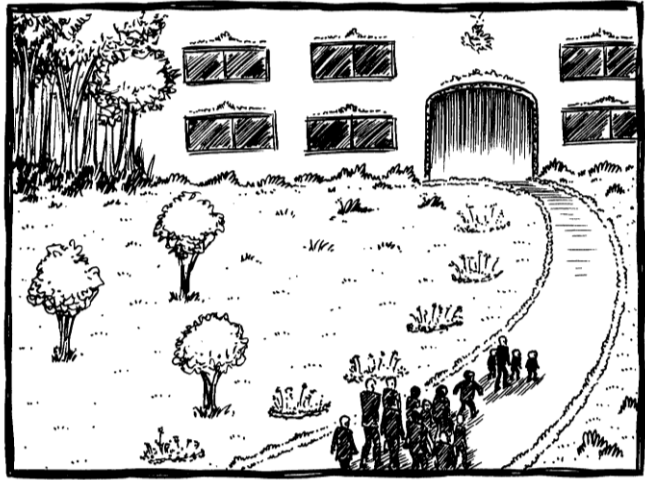
O JUIZ ESTÁ NOS
ESPERANDO NA SALA DA
DIRETORIA PARA A LEITURA
DO TESTAMENTO.



MAS ISSO NÃO ESTÁ
NO PLANEJAMENTO...
VOCÊ NÃO TEM O
DIREITO...



A LEITURA NÃO REQUER A
PRESEÇA DA DIRETORIA,
MAS EU SUGIRO QUE
TODOS COMPAREÇAM.



QUE MARAVILHA O
SEU CAMINHÃO, HEIN?
DEVE TER CUSTADO
UMA NOTA!...



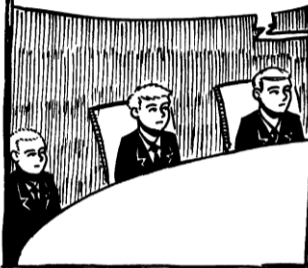
QUEM SÃO TODOS
ESSES AI, EU EXIJO
UMA EXPLICAÇÃO!



EU SOU O JUIZ
ENCARREGADO DA
ABERTURA DO
TESTAMENTO E ISSO
BASTA. SENTEM-SE
E FIQUEM CALADOS.



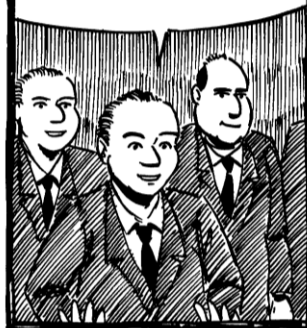
TODOS OS BENS
PERTENCEM AGORA AOS
SOBRINHOS-NETOS JOSÉ
DUQUE E LUIZ DUQUE,
E, ATÉ ATINGIREM A
MAIORIDADE, SERÃO...



REPRESENTADOS POR
RONALDO DUQUE,
QUE ASSUME, NESTE
MOMENTO, O CARGO DE
SEU FALECIDO TIO.



BEM, PODEMOS
ORGANIZAR UMA
RECEPÇÃO DE BOAS
VINDAS AO NOVO...



ASSUMO O CARGO DE
MEU TIO COM TODAS AS
SUAS PRERROGATIVAS...



INCLUINDO AS DE
DISSOLVER A DIRETORIA E
DEMITIR OS DIRETORES.



ESTA É A AUTORIZAÇÃO
PARA QUE A JUSTIÇA TENHA
ACESSO A TODOS OS
DOCUMENTOS DA EMPRESA
E INICIE IMEDIATAMENTE
INVESTIGAÇÃO SOBRE TODAS AS
IRREGULARIDADES COMETIDAS
ATÉ O MOMENTO.



QUE TODOS OS CRIMES
SEJAM APURADOS E
RESPONSABILIZADOS OS
SEUS MANDANTES... OS
QUE AINDA ESTIVEREM
VIVOS.



UM SEGURANÇA E UM
OFICIAL ACOMPANHARÃO
CADA EX-DIRETOR A SUA
SALA PARA QUE PEGUE
APENAS SEUS PERTENCES
PESSOAS.



cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



POLLY and HER PALS – Cliff Sterrett começou sua carreira logo nos primeiros suspiros do século XX, criando várias séries, até que em 1911 criou 'For This We Have Daughters?', centrada numa colegial de nome Molly. O tema doméstico permaneceu na nova série 'Positive Polly', lançada no final de 1912, uma variação da anterior, renomeada para 'Polly and Her Pals' em 1913. As tiras foram produzidas por Sterrett até 1935, mas continuou com as páginas dominicais até 1958. Embora, no início, a série fosse focada mais nas aventuras da filha Polly, uma moça moderna, cheia de namorados, preocupações com moda e outras futilidades – e nisso tenha sido uma série precursora de tantas outras –, foi nas páginas estreladas pelos pais (Maw e Paw, por que não?) que a série alcançou maior brilho. A criatividade de Sterrett, nas gags, na composição dos quadros, nos desenhos, não conhece limites. 'Polly' é considerada uma das séries mais injustiçadas pelo tempo que ficou no esquecimento. Mas nas últimas décadas, já recebeu algumas compilações preciosas, com uma boa mostra de sua qualidade e atualidade.

cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



BUSTER BROWN – Segundo filho famoso de Richard Felton Outcalt, que já havia criado, em 1895, um garoto na página ilustrada 'At the Circus in Hogan's Alley', de 1894. O garoto chinês, de macacão primeiro azul e depois amarelo, foi chamado pelos leitores de 'Yellow Kid', nome que passou a batizar a série, essa que muita gente insiste em chamar "primeira história em quadrinhos do mundo". Outcalt criou outras séries sem sucesso até arrebentar a boca com 'Buster Brown' em 1902. Estrelada pelo endemoniado anjinho louro com roupa de marinheiro, a série fez a fortuna de Outcalt, que soube explorá-la comercialmente. Em 1921, cansado de ficar rico, Outcalt parou de produzir a série. No Brasil, a revista "O Tico-Tico", desde o seu início em 1905, publicou páginas de Buster decalcadas de jornais americanos por Loureiro, a mando dos editores. Renomeado Chiquinho, e considerado por muitos um personagem brasileiro, continuou sendo produzido por outros artistas até o fim da revista em 1955.



A Batalha



edgard guimarães